

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO EMPRESAS**

CLARISSE DE SOUZA ROMAGNA

**FATORES QUE INFLUENCIAM A MIGRAÇÃO E AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS
FILHOS DE AGRICULTORES MIGRANTES E NÃO MIGRANTES DA
COMUNIDADE DE PICADÃO – NOVA VENEZA - SC**

Criciúma

2015

CLARISSE DE SOUZA ROMAGNA

**FATORES QUE INFLUENCIAM A MIGRAÇÃO E AS CONDIÇÕES DE VIDA DOS
FILHOS DE AGRICULTORES MIGRANTES E NÃO MIGRANTES DA
COMUNIDADE DE PICADÃO – NOVA VENEZA - SC**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Esp. Joelcy José Sá Lanzarini

CRICIÚMA

2015

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Os Desafios Enfrentados Pelos Agricultores e Governantes.....	13
Quadro 2: Produtos agrícola familiar produzidos para o mercado interno e externo.	22
Quadro 3: Estruturação da população-alvo.....	30
Quadro 4: Estado civil dos agricultores.....	32
Quadro 5: Idade dos agricultores.....	33
Quadro 6: Gênero dos agricultores.....	33
Quadro 7: Filhos dos agricultores.....	34
Quadro 8: Filhos que permaneceram no meio rural.....	36
Quadro 9: Proprietários.....	37
Quadro 10: Atividades desenvolvidas na propriedade.....	38
Quadro 11: Renda bruta dos agricultores.....	39
Quadro 12: Permanência dos filhos na agricultura.....	40
Quadro 13: Satisfação e realização dos que ficaram na agricultura.....	41
Quadro 14: Causas da saída dos filhos da agricultura.....	42
Quadro 15: Satisfação dos filhos de agricultores que saíram e foram para a cidade.....	44
Quadro 16: Dos filhos que saíram pretendem voltar?.....	45
Quadro 17: Quem está melhor?.....	46
Quadro 18: Qualidade de vida.....	47
Quadro 19: Escolaridade dos filhos dos agricultores.....	48
Quadro 20: Profissão dos filhos de agricultores em serviços gerais.....	50
Quadro 21: Profissão dos filhos de agricultores em Serviços Técnicos.....	51
Quadro 22: Salário bruto dos filhos dos agricultores.....	52

LISTA DE FIGURA

Figura 1: Estado civil dos agricultores.....	32
Figura 2: Idade dos agricultores.....	33
Figura 3: Gênero dos agricultores.....	34
Figura 4: Filhos do gênero masculino.....	35
Figura 5: Filhos do gênero masculino.....	35
Figura 6: Filhos do gênero masculino que permaneceu no meio rural.....	36
Figura 7: Filhos do gênero feminino que permaneceu no meio rural.....	37
Figura 8: Proprietários.....	38
Figura 9: Atividades desenvolvidas na propriedade.....	39
Figura 10: Renda bruta dos agricultores.....	40
Figura 11: Permanência dos filhos na agricultura.....	41
Figura 12: Satisfação e realização dos que ficaram na agricultura.....	42
Figura 13: Causa da saída do filhos dos agricultores do gênero masculino.....	43
Figura 14: Causa da saída do filhos dos agricultores do gênero feminino.....	43
Figura 15: Satisfação dos filhos de agricultores que saíram e foram para a cidade.....	44
Figura 16: Dos filhos que saíram pretendem voltar do gênero masculino?.....	45
Figura 17: Dos filhos que saíram pretendem voltar do gênero feminino?.....	46
Figura 18: Quem está melhor?.....	47
Figura 19: Qualidade de vida.....	48
Figura 20: Escolaridade dos filhos dos agricultores.....	49
Figura 21: Profissão dos filhos de agricultores em serviços gerais.....	50
Figura 22: Profissão dos filhos de agricultores em Serviços Técnicos.....	51
Figura 23: Salário bruto dos filhos dos agricultores.....	52

Sumário

Sumário	5
1 INTRODUÇÃO.....	9
1.2 SITUAÇÃO PROBLEMA.....	10
1.3 OBJETIVOS.....	11
1.3.1 OBJETIVO GERAL	11
1.3.2 Objetivo específico.....	12
1.4 JUSTIFICATIVA.....	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
2.1 AGRICULTURA E TECNOLOGIA.....	14
2.1.1 Agricultura Orgânica, Urbana e Agroecologia	18
2.1.2 Agricultura Familiar.....	22
2.2 MIGRAÇÃO.....	29
2.2.1 Mundial.....	29
2.2.2 Brasil.....	29
2.2.3 Santa Catarina	30
2.2.4 Município.....	30
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA OU POPULAÇÃO-ALVO.....	32
3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS	33
3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS	34
4. ANÁLISE DA PESQUISA.....	35
4.1 PERFIL DOS AGRICULTORES	35
4.1.1 Estado civil dos agricultores	35
4.1.2 Idade dos agricultores.....	36
4.1.3 Gênero.....	37
4.1.4 Filhos dos agricultores	38
4.2 PERMANÊNCIA DOS FILHOS NO MEIO RURAL.....	40
4.3 PROPRIEDADES.....	41
4.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS.....	42
4.5 RENDA DOS AGRICULTORES	43
4.6 OS FILHOS QUE PERMANECERAM NO MEIO RURAL.....	44
4.7 SATISFAÇÃO DOS FILHOS QUE FICARAM.....	45
4.8 CAUSAS DA SAÍDA DOS FILHOS.....	46
4.9 SATISFAÇÃO DOS FILHOS QUE SAÍRAM.....	48

4.10 DOS FILHOS QUE SAÍRAM PRETENDEM VOLTAR?	49
4.11 QUEM ESTA MELHOR	50
4.12 QUALIDADE DE VIDA.....	51
4.13 ESCOLARIDADE DOS FILHOS DOS AGRICULTORES.....	52
4. 22 PROFISSÃO DOS FILHOS DOS AGRICULTORES.....	53
4.23 SALÁRIO DOS FILHOS DOS AGRICULTORES.....	55
REFERÊNCIAS.....	60

Resumo

Muitos filhos de agricultores de Nova Veneza estão saindo para trabalhar na cidade. O estudo objetiva entender os motivos que os tem levado a sair da propriedade rural e comparar a escolaridade, a renda e a qualidade de vida entre os que ficaram na propriedade e os que foram para a cidade e compara diferenças de gênero. A metodologia caracteriza-se quanto os fins de investigação em descritiva, explicativa e aplicada e quanto os meios de investigação em pesquisa de campo e bibliográfica. A amostra foi estipulada pelo critério de acessibilidade e pela disponibilidade dos entrevistados a responder o questionário. Um questionário com dezesseis perguntas foi aplicada em entrevista diretamente com os agricultores. Dos vinte agricultores que responderam, 70% disseram que a vida deles no campo é boa, mas é “puxada”, não tem feriados e nem finais de semana. A produção dos alimentos para subsistência é caseira e orgânica sendo tudo plantado e criado na propriedade. Os filhos buscam na cidade oportunidade de trabalho, sendo que as filhas mulheres estudam mais e assim alcançam maiores salários que os filhos homens. Os que ficam na terra, ficam porque gostam da atividade ou porque não tinha ninguém para ficar. Dos filhos que ficam, os homens estudam mais e tem renda maior que as filhas mulheres. Em relação a qualidade de vida, os que ficam tem melhor qualidade de vida devido à alimentação, ao baixo nível de stress se comparado com os que saem. Em contrapartida, os que saem tem salário garantido todo mês, férias e seguridade social.

Palavras-chave: *Agricultura familiar. Êxodo. Produção.*

1 INTRODUÇÃO

As cidades do mundo inteiro vêm sofrendo a cada ano com a concentração da população. A causa do crescimento desenfreado da população nas cidades vem sendo as constantes migrações das populações do campo para a cidade, em busca de uma vida melhor (CAMPOS, BRANDT E CANCELIER, 2013).

Com o início da capitalização e o surgimento de novas tecnologias no mundo todo, as indústrias vem ofertando frequentemente novos empregos a população, que buscando uma vida melhor e um bom emprego saem de suas terras para ocuparem essas vagas de emprego e tentarem uma vida mais digna (CAMPOS, BRANDT E CANCELIER, 2013).

Outro fator a ser considerado são as intempéries e problemas climáticos, que causam enormes perdas e prejuízos, e que tem causado a saída da população rural. As secas constantes, o excesso de chuva, o granizo e os ventos inibiram os produtores a plantarem e criarem animais, dificultando ainda mais a vida dessas pessoas nesses locais. Mesmo com ajuda do governo na distribuição de água em caminhões pipa, não é suficiente para abastecer toda a população. Por conta da vida que eles passam lá, acabam vendendo ou abandonando suas terras e migrando para outros estados à procura de emprego (FRANCO, 2013).

As populações das zonas rurais, por serem mais afastadas dos grandes centros urbanos, não têm acesso à escola, hospitais, postos de saúde, nada em que possa ajudar a melhorar a vida dessas pessoas. Mesmo com o governo disponibilizando ônibus escolares e agentes da saúde para estas áreas rurais, fica difícil a locomoção e a rapidez em casos de urgências (FRANCO, 2013).

A solução para estes casos seria a implementação de redes de necessidades básicas as populações dessas áreas. Só assim poderia abrandar um pouco a situação de vida dessas populações (FRANCO, 2013).

Segundo a Revista Franco (2013), as mudanças climáticas que estão ocorrendo no país, podem acarretar prejuízos de R\$ 7 bilhões de reais até 2020, favorecendo ainda mais o crescimento da migração rural e aumentando do número de pragas nas plantações. Um bom exemplo é a produção de café, em que o clima ideal para essa planta é nas regiões mais quentes dos estados do Brasil, mais com a ocorrência dessa mudança climática, essas regiões vão passar a apresentar clima mais frio (FRANCO, 2013).

Como a flor do café não suporta o frio acabara caído, ocasionando total perda da produção. Uma das soluções mais para inibir estas mudanças climáticas, seria cultivar plantas adaptáveis a estas mudanças que estão ocorrendo nessas regiões. (FRANCO, 2013).

Em Santa Catarina o ramo da agricultura desempenhou um grande papel desde os primeiros colonizadores, desenvolvendo sua economia no Estado, dando destaque primordial a agricultura familiar. A agricultura familiar é o principal elemento predominante em Santa Catarina, seguido por outros agricultores menores, que são mais conhecidos como: camponeses e pequenos agricultores (CAMPOS, BRANDT E CANCELIER, 2013).

As atividades desempenhadas pelos agricultores são as construções de instalações e estruturas ligadas ou não a produção desenvolvida na propriedade. Muitas dessas atividades são desenvolvidas pelos próprios membros da família, podendo favorecer a saída de alguns membros da família para a zona urbana. Sendo que assim eles mesmos podem colocar seus próprios negócios e os mesmos administrarem, dentro a renda somente deles e não diretamente ao pai ou o proprietário da propriedade (CAMPOS, BRANDT E CANCELIER, 2013).

1.2 SITUAÇÃO PROBLEMA

Nos períodos de 1760, 1820 e 1840 ocorreu a Revolução Industrial tendo início na Inglaterra. Onde os métodos de produção artesanais evoluíram para uma produção maquinaria, na fabricação de produtos químicos e ferro. E tendo maior eficiência da utilização da energia da água, e a vapor, do carvão. Em poucas décadas essa Revolução se espalhou pela Europa Ocidental e Estados Unidos, revolucionando toda a economia desses países (CANÊDO, 2009).

Conforme Canêdo (2009), A migração rural já vinha acontecendo antes mesmo da revolução industrial. No século XVIII já se via a grande expansão das cidades da Inglaterra, com taxas de crescimento urbano superior a rural. Nenhuma família rural sairia das suas terras sem que alguma coisa grave estivesse acontecendo. Um dos motivos da saída dessas famílias foi o cercamento ou divisão de suas terras, onde seus campos se tornaram unidades fundiárias particulares e fechadas (CANÊDO, 2009).

Com início do surgimento das indústrias, muitos trabalhadores rurais saíram do campo para trabalhar nos centros urbanos, nas indústrias de manufatura. Originando assim o êxodo rural. Sendo que esses trabalhadores rurais perderam todo o controle sobre a matéria-prima que eles fabricavam e vendiam (CANÊDO, 2009).

Tiveram que trabalhar com os patrões, como operários perdendo assim os lucros finais do produto. Por conta pouco ganho da produção da matéria-prima, os trabalhadores migraram para as indústrias a fim de garantirem um ganho um pouco maior dos que já tinham (CANÊDO, 2009).

Através dos anos, as tecnologias vêm crescendo cada vez mais, nas indústrias, nas casas, na vida das pessoas, em tudo, facilitando o crescimento do capitalismo. Hoje em dia cada vez mais os trabalhadores das zonas rurais ou agricultores vêm deixando seu lar para se estabelecerem nas cidades grandes, a procura de empregos e de uma vida melhor e mais valorizada (CANÊDO, 2009).

Mais nem sempre é isso que eles encontram. Mesmo assim está crescendo cada vez mais o êxodo rural no Brasil. Segundo o Censo (2010), somente 16% da população brasileira ainda vivem na zona rural e 84% na zona urbana, causando níveis elevados das populações concentradas na área urbana.

Conseqüentemente no Sul de Santa Catarina - Nova Veneza esse número vem crescendo a cada ano. Surgindo a seguinte pergunta:

Quais os motivos que estão levando os trabalhadores rurais da comunidade do Picadão Nova Veneza-SC a saírem de suas terras para trabalhar nas cidades? E quais seriam as soluções para inibir essa migração desordenada na comunidade?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar os motivos que estão levando os trabalhadores rurais da comunidade do Picadão Nova Veneza-SC a saírem de suas terras para trabalhar nas cidades? E quais seriam as soluções para inibir essa migração desordenada na comunidade do Picadão Nova Veneza-SC.

1.3.2 Objetivo específico

- a) Traçar o perfil dos agricultores de Nova Veneza
- b) Levantar as possíveis motivações dos jovens para sair do meio rural
- c) Levantar as motivações dos jovens que permanecem no meio rural
- d) Comparar os alcances obtidos pelos que saíram e os que permaneceram
- e) Apontar caminhos possíveis para diminuir o êxodo em Nova Veneza

1.4 JUSTIFICATIVA

O objetivo deste estudo é identificar os possíveis motivos que estão levando esses trabalhadores rurais a saírem de suas terras para trabalhar nas cidades. E quais seriam as soluções para inibir essa migração em Nova Veneza-SC. Sendo assim, é importante atingir este objetivo, pois cada vez mais a população da zona rural está abandonando suas propriedades para trabalhar na cidade, a procurar de uma vida melhor. Isso causaria em termos econômicos, uma grande procura de alimentos e poucos produtores para abastecer esta demanda. Dependendo da situação da grande procura por alimento, ocasionará o aumento do preço do produto, crises e até em casos extremos fome.

Além disso, havendo a constante migração para a cidade, a mesma fica superpopulosa, ocorrendo transtornos com congestionamento de veículos nas ruas; mais favorável à ocorrência de enchentes, por cumulo de lixo nas ruas e córregos; aumento excessivo dos lixos e entre outros problemas causados pelo aumento da população na cidade. Com o aumento da procura de alimentos, os agricultores que ficaram nas suas propriedades, ampliaram suas terras, para atender a procura de alimento, causando muitos desmatamentos e poluição por meios de agrotóxicos.

Este estudo pode ser relevante para a universidade, pois para a mesma poderá servir de base para de mais pesquisas e para os agricultores da região, ao encontrar informações que poderão ajudar esses agricultores a crescer e melhorarem cada vez mais sua produção. E também para a acadêmica, que ao realizar este estudo, estará contribuindo cada vez mais para seu conhecimento acadêmico e profissional. O estudo está se tornando viável, com a ajuda da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, com o acesso ao acervo de

livros da biblioteca da Universidade, do Curso de Administração e seus professores que nos orienta e nos ensina.

Este estudo se torna relevante, por que cada dia anos ou até meses, muitos agricultores saem de suas terras e vão para a cidade. Surgindo assim a oportunidade de estudar, identificar e analisar os métodos e estratégias usadas para cada seguimento da agricultura familiar.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 AGRICULTURA E TECNOLOGIA

A pelo menos há 10.000 anos a.C as pessoas trabalhavam nas suas terras, plantando e criando animais para consumo destinado a comunidade. Quando o homem pré-histórico descobriu o fogo, utilizou-se dele para preparo da sua alimentação e na limpeza de áreas. Além disso, descobriu ferramentas que os ajudavam no preparo e no cultivo das suas terras (MAZOYER; ROUDART, 1997; DIAMOND, 2003; OLSON, 2003).

Deste o surgimento do homem na terra, eles aprenderam a cultivar e utilizar ferramentas no preparo e no cultivo das terras e cada vez mais surge novas maneiras e tecnologias para facilitar o manejo nas plantações e na colheita, tornando trabalho mais rápido e pouco menos desgastante (MAZOYER; ROUDART, 1997; DIAMOND, 2003; OLSON, 2003).

Por conta disso a agricultura se espalhou pelo mundo todo. As cidades vêm crescendo ano a ano e procura por alimento também. Cabendo ao agricultor produzir para a sustentabilidade dessas populações, que sobrevivem dos alimentos comercializados nas feiras e supermercados. A história do Brasil é fortemente marcada pela agricultura. Na época do Brasil colônia no século XVI o Brasil exportava o pau-brasil e a sua maior riqueza são os produtos vindos direto da terra, produzido pelos agricultores (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

O avanço do conhecimento sobre o funcionamento dos diferentes sistemas que compõem e sustentam a vida na Terra permitiu o desenvolvimento de técnicas que possibilitaram o aumento da oferta de alimentos e a melhoria da dieta humana, pelo menos para o segmento da população mundial que dispõe de acesso à alimentação nutricionalmente equilibrada. Mas duas coisas não mudaram: para produzir alimentos que atendam às necessidades da população humana é necessário fazer agricultura e, praticá-la, causa impactos no ambiente (ASSAD; ALMEIDA, 2004, p.2).

Em 2002, o PIB da agricultura cresceu cerca de 10% ou seja, R\$ 125,79 bilhões. Mesmo com o surgimento de novas tecnologias na agricultura ou com incentivos por parte dos governos, não tem dado muitos resultados de imediato na qualidade de vida desses agricultores (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

Mas nem tudo tem seu ponto negativo. Quem trabalha na agricultura meche com a terra, esta sempre em contato com a natureza. Tem a possibilidade de

plantar e criar seus animais para o consumo, sem ter que ir ao supermercado e comprar a carne, por exemplo, vendida a um preço muito elevado. Sendo que muitos empresários ou outras pessoas que estão cansadas da cidade grande ou do barulho dos automóveis, compram ou passam o final de semana nos seus sítiozinho (GLOBO RURAL, 2014).

Hoje em dia o agricultor tem desafios cada vez maiores para enfrentar, um exemplo disso é que não basta só entender como plantar, qual época, quando colher e também entender que a cadeia que leva o produto ao consumidor exige profissionalização da atividade agrícola (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

Com a especialização de certos setores agrícolas como: avicultura, suinocultura, fruticultura e entre outras, acarreta queda do preço de produtos diversificados de pequeno e médio porte, causando queda do preço por longo período, sendo que quando o preço está alto dura pouco tempo. Os agricultores tendem a participar de cadeias de produção de valor agregado para conseguir inibir os baixos valores do determinado produto (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

Segundo CNI (2014), o Brasil é o 22º (Vigésimo segundo) país que mais exporta petróleo e derivados, produtos agrícolas e minérios. Em 2013 as exportações brasileiras renderam cerca de US\$20,8 bilhões e em média diária de US\$ 992,7 milhões, ou seja, um número extremamente grande movimentado toda a economia do país (BALANÇA COMERCIAL BRASILEIRA, 2013).

Ano a ano os países importadores de alimentos estão mais exigentes em critérios de qualidade e quantidade antes de comprarem. Em alguns casos essas exigências se tornam inalcançáveis, causando impactos na produção de alimentos e principalmente nos alimentos de origem agrícola e quem sofre com tudo isso são os pequenos e médios produtores que por não participarem de nem uma organização ou de algum tipo de comercialização, não tem para onde vender seus produtos (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

Uma das opções para a melhoria da renda dos agricultores seria a implantação de pequenas indústrias na própria propriedade, utilizando a matéria prima vinda direto das suas terras. Isso possibilitaria uma renda mais equivalente. Com o apoio das cooperativas, governos e da própria prefeitura da cidade dos agricultores. Dar a eles a possibilidade de venderem seus produtos diretamente ao consumidor e não ao atravessador (GLOBO RURAL, 2014).

E para não perder o produto ou dinheiro empregado na plantação e na colheita, ofertam esses alimentos a preços extremamente baixos, que alguns casos nem dá para pagar as dívidas decorrentes com a plantação (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

A produção agrícola é essencial para alimentação e sobrevivência da população e isso gera grandes dificuldades, não somente para os produtores, mais também para os governos em que em conjunto enfrentam desafios sociais, econômicos, ambientais, tecnológico e territorial, tornando a produção mais escassa (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

No quadro a seguir descreve os desafios enfrentados pelos agricultores, juntamente com os governantes. Que buscam o desenvolvimento da agricultura sustentável da agricultura, dando apoio e estabilidade aos agricultores.

Quadro 1: Os Desafios Enfrentados Pelos Agricultores e Governantes

Desafios Sociais	Além da produção de alimentos a agricultura gera grandes empregos diretos ou indiretos e, além disso, favorecer a redução das famílias rurais para a zona urbana. O desafio está em adotar um sistema de produção que gere mais renda para o trabalhador rural e que tenha acesso a trabalho e remuneração honesta.
Desafios Econômicos	A agricultura gera produtos com valores comerciais de curto, médio e de longo prazo e quanto maior o volume de produto maior será seu valor. O desafio maior está na diminuição de perdas e desperdícios da produção e que apresentem resultados positivos com o investimento realizado. Desenvolver ferramentas que estimulem a competitividade dos produtos agrícolas no mercado interno e externo.
Desafios Ambientais	Infelizmente a produção agrícola dependendo da extensão da produção causa grandes impactos no meio ambiente. Por conta disso o desafio maior está em encontrar um sistema de produção que seja adaptável ao meio ambiente, sem precisar agredi-lo.
Desafios Tecnológicos	A cada ano que passa a agricultura se torna dependente exclusivamente de tecnologias para aumento da produção e da produtividade e principalmente aquelas que são intensivas em capital e acabam causando alguns impactos no meio ambiente. Para reverter esses problemas, o desafio está em desenvolver tecnologias que agredam menos o meio ambiente e que mantenham a produção.

	e produtividade.
Desafios Territoriais	Buscar uma produção agrícola viável por meio da pluriatividade e multifuncionalidade desses espaços rurais.

Fonte: Assad; Almeida, (2004, p.7-8).

Esses são só alguns dos desafios que os agricultores enfrentam, existem outros que vão surgindo no passar dos meses ou anos. Se todos esses obstáculos forem superados e alcançados a vida dos produtores rurais melhoraria em muito. Mas para que isso ocorra, teria que ter grande apoio dos governantes de cada lugar onde vivem esses agricultores. Em quando isso não acontece, os próprios agricultores tem a responsabilidade indo aos poucos superando esses desafios, a fim de conseguir uma produção e uma renda melhor (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

A especialização cada vez maior de alguns segmentos da produção agrícola, como a avicultura, suinocultura, fruticultura, cafeicultura e outros, e a diminuição de sistemas de produção diversificados, de pequeno e médio porte, resultam em menor flexibilidade para reduzir a produção, em resposta a baixos preços de um dado produto. Conseqüentemente, as fases de preço baixo ficam mais longas e as de alto preço, mais curtas, a não ser que se apliquem outros mecanismos reguladores de preço, além da quantidade (ASSAD; ALMEIDA, 2004, p.6).

Portanto hoje existem cooperativas que ajudam os agricultores a venderem seus produtos diretamente ao consumidor, dando a possibilidade de agregar valor a ele. Sem elas seria quase que impossível chegar direto nas mãos dos consumidores. E quem se beneficiaria muito com isso seria os atravessadores, que compraria a produção a um valor inferior e venderia a um valor extremamente alto (GLOBO RURAL, 2014).

E por traz de tudo isso há um grande preconceito por parte de algumas pessoas da cidade grande que considera o povo ou o trabalhador rural, como um “coitadinho” ou roceiro, mais não bem assim. O trabalhador rural não tem vida fácil como muitos pensam, ao contrario, se para um empresário é penoso gerir uma empresa e os seus funcionários e mais penoso para o agricultor, que tem que trabalhar de segunda a domingo, e em muitas vezes abaixo de sol forte ou chuva, não tem férias, não tem descanso e ainda aqueles que trabalham nas acham que os produtores rurais têm vida boa (GLOBO RURAL, 2014).

Para quem quer sossego e tranquilidade não lugar melhor do que ter um lugarzinho no campo para passar o tempo e relaxar sem se preocupar com o seu trabalho. (GLOBO RURAL, 2014).

A agricultura sustentável agrega novas ideias a respeito ao meio ambiente a sociedade agricultora, a produção e seus limites do campo. Muitas vezes essas novas ideias, confundem a as ideias dos agricultores perante a essa nova agricultura sustentável (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

A maior importância da agricultura sustentável é reconhecer que as propostas da produção agrícola do Brasil esta de caindo, por conta de conhecimento por parte dos próprios agricultores, nas técnicas de desenvolvimento de novas tecnologias nos processos produtivo das plantações (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

As tecnologias usadas na agricultura sustentável passam por alguns obstáculos. Um deles são as próprias tecnologias utilizadas, que por muitas vezes deixam de serem empregadas na produção ou na colheita, por falta de conhecimento dos operantes ou dos próprios produtores. E a outra seria a desarticulação da pesquisa e extensão rural, que ocasionam perda do segmento tecnológico que poderia ser integrado na propriedade. Ajudando na colheita e na plantação. Podendo gerar mais economia e desperdício de recursos (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

A agricultura pode ser capaz de mudar as ideias propor e a implementação de novas políticas públicas, buscando a inovação das tecnologias e o conhecimento para elas. Podendo assim gerar mais produção, ajudando assim a proteger o meio ambiente e gerar uma boa renda agrícola (ASSAD; ALMEIDA, 2004).

2.1.1 Agricultura Orgânica, Urbana e Agroecologia

Desde época de 1970 a agroindústria vem estudando maneiras de plantar e colher sem afetar o meio ambiente e a vida humana, através da utilização excessiva de agrotóxicos. Buscando assim a preservação dos rios e uma vida mais saudável e prolongada para as pessoas. Esse estudo também busca o rompimento das atividades agrícolas da monocultura e implantando um sistema de produção da policultura (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Para estes movimentos a solução não está em alternativas parciais, mas no rompimento com a monocultura e o redesenho dos sistemas de produção, com o reconhecimento da importância de diferentes interações ecológicas para a produção agrícola de forma a minimizar a necessidade de insumos externos ao agroecossistema (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p.3).

Com o desenvolvimento do cultivo de forrageiras para inibir a invasão de ervas daninhas nas plantações e disponibilidade de fertilizantes orgânicos, fizeram com que a produtividade aumentasse, dando início a chamada “Segunda Revolução Agrícola” (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Até então agricultura é baseada somente em no conhecimento de plantas e de fertilizantes orgânicos. A partir do século XVI foi descoberta a utilização dos produtos químicos nas plantações para o crescimento rápido, fortificação e agrotóxicos para eliminar pragas e ervas daninha. Sendo que são utilizados com mais frequência e quantidades, do que séculos atrás (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Desta forma, analisando-se a evolução histórica da produção agrícola europeia, de uma agricultura itinerante evoluiu-se para uma agricultura permanente com a introdução do sistema de rotação bienal, para chegar-se no período entre os séculos XI e XIII, ao sistema de rotação trienal, o qual, associado a uma série de outras inovações, possibilitou significantes aumentos de produtividade, dando origem ao que alguns autores consideram como a Primeira Revolução Agrícola (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p.4).

A agroecologia se tornou uma ferramenta fundamental para a implantação do perfil das produções agrícolas em pequenas escala, pelo gerenciamento familiar. Por consequência da queda de insumos externos para a produção, buscando concretizar a recuperação das paisagens e da biodiversidade, os agricultores tiveram que buscar novos meios de utilização de insumos. Tendo em vista a preservação dos meios naturais (AQUINO; ASSIS, 2007).

Agroecologia pode proporcionar a utilização da agricultura orgânica no meio urbano. Hoje em dia as pessoas vivem nos centro e que tenham um pedacinho de terra, estão plantando alimentos básicos e fáceis para a sua alimentação do dia a dia. Tais como: hortaliças, raiz, milho, temperos verdes e entre outros produtos. E as pessoas que não possuem tempo para tal serviço, contrato alguém que saiba plantas, para trabalhar nas suas terrinhas, proporcionando o crescimento de emprego (AQUINO; ASSIS, 2007).

A agricultura orgânica é uma forte aliada da preservação do meio ambiente, já que os defensivos utilizados para combater pragas nas plantações orgânicas, são oriundos da natureza e não químicas. Esse sistema orgânico de combate aos parasitas vem sendo usado também no ramo agropecuário, combatendo os parasitas do gado com produtos naturais. Acredita-se que com esse método orgânico, os parasitas se tornem menos resistentes do que com os produtos químicos (CHAGAS, 2004).

Devido a grande mudança nas no clima das terras, surgiram inúmeras pragas que atacam as lavouras dizimando-as totalmente. Em consequência disso a produtividade cai, o ganho e produção disponível a população também. E para diminuir os ataques de insetos nas lavouras tem-se usado agrotóxico que combatam esses insetos, livrando as lavouras da perda total (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Com a difusão nos séculos XVIII e XIX, do sistema de rotação que ficou conhecido como "Norfolk", a necessidade deste pousio foi eliminada através da introdução do cultivo de forrageiras, de forma a controlar a incidência de ervas invasoras, além de representar um acréscimo na disponibilidade de fertilizantes orgânicos, determinando grandes ganhos de produtividade e caracterizando o processo que tem sido denominado como Segunda Revolução Agrícola (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p.4-5).

A agroecologia é a ciência que tem por objetivo estabelecer um desenvolvimento da agricultura respeitando o meio ambiente e a economia. Já a agricultura orgânica possui diferentes formas de encaminhamento da e tecnologia e do mercado, sempre buscando uma respeitar os limites da agroecologia (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

O mercado e a produção da agricultura orgânica vêm crescendo cada vez mais no Brasil, tendo em vista a grande procura da população por alimentos mais saudáveis e livres de agrotóxicos e produtos químicos. Os produtos orgânicos são distribuídos através das ONGs e cooperativas especializadas em produção orgânica. (FONSECA, 2009)

Contudo a agricultura orgânica frisa a preservação da fertilidade dos solos, obtendo assim a reciclagem dos seus nutrientes. Ao invés do que muitos acham, a agroecologia enfatiza a utilização de recursos da ciência e da tecnologia, para o desenvolvimento de sistemas agroecológicos. Tendo em si o objetivo de recuperar e conservar os solos, mantendo assim o seu equilíbrio biológico. (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Na agroecologia a produção agrícola orgânica é fortemente estabelecida pelos padrões naturais da natureza. Como as plantas, o solo e seus nutrientes, a luz solar, a umidade, entre outros organismos essenciais para a produção, a vendo o equilíbrio entre eles (AQUINO; ASSIS, 2007).

A agricultura urbana refere-se não somente à produção vegetal, mas também à criação animal (aves, abelhas, peixes, coelhos e outros). O sistema agrícola urbano pode ser uma combinação de muitas atividades diferentes, incluindo desde a horticultura e o cultivo de cereais como milho e feijão à integração com a produção animal, aproveitando-se restos vegetais

na alimentação destes, através de compostagem isoladamente ou em conjunto com o esterco oriundo das criações (AQUINO; ASSIS, 2007, p. 7).

Agricultura orgânica busca o desenvolvimento de tecnologias que ajudem os agricultores na escolha das plantas, do solo e seus nutrientes necessários, nas condições climáticas, assim tendo uma produção saudável e sadia, livre de agrotóxicos e dando mais sabor aos alimentos, podendo assim atender as expectativas dos consumidores (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Na agricultura convencional a relação de produtor e consumidor é rompida, sendo que dessa forma o consumidor não sabe como foi produzido o alimento. Já no sistema da agricultura orgânica é ao contrário. O produtor e o consumidor estabelecem uma forte relação, sabendo como o produto ou alimento foi produzido (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

A principal preocupação dos consumidores na hora que adquirirem um alimento ou produto é referente à utilização excessiva de agrotóxicos pelos agricultores. Sendo que na produção orgânica esse reagente químico não é utilizado, somente sistemas de controle de pragas e a utilização de combatentes orgânicos, nada químico que seja prejudicial à saúde do consumidor e ao meio ambiente (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Dentro desse sistema da agricultura orgânica, os agricultores têm de seguirem regras referentes à utilização de insumos químicos. Por conta da grande importância de como o produto foi produzido e as regras a ser seguido. O produto ganha um valor agregado mais alto, tendo em vista que a saúde da população e do meio ambiente estão preservadas (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

A produção orgânica é voltada unicamente para o abastecimento interno da população da cidade, onde reside o produtor. Essa atividade é voltada para a agricultura familiar. Tendo a família residente em uma única propriedade, trabalhando na produção dos alimentos e na distribuição dos mesmos (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

Em sistemas agrícolas, a biota do solo é fortemente influenciada pelas práticas empregadas, como rotação de culturas, adubação, irrigação, e sistemas de preparo do terreno e de proteção de plantas. Esta mesma biota, por outro lado, governa processos como decomposição, mineralização e humificação da matéria orgânica, mobilização e imobilização de macronutrientes e micronutrientes, a fixação de nitrogênio atmosférico, agregação e estruturação e consequente conservação do solo, e finalmente a regulação de pragas e doenças (ASSIS; ROMEIRO, 2002, p.12).

Com o passar dos anos, esse sistema agrícola orgânico irá crescer cada vez mais. Sendo que a procura por alimento saudável para a saúde está aumentando e a oferta de alimento orgânico também. Assim minimizando os impactos no solo, aproveitando os recursos naturais e preservando a natureza. Os dois sistemas caminhando juntos, sem um prejudicar o outro (ASSIS; ROMEIRO, 2002).

2.1.2 Agricultura Familiar

O principal aspecto da agricultura familiar é incentivar e ensinar as novas gerações de agricultores familiares a administrarem o patrimônio em terras e seus capitais. A sucessão do patrimônio para as novas gerações percorrem três etapas importantes. Dentre elas são: A transferência do comando e a legalização do patrimônio para futuras gerações, a aposentadoria dos mais velhos e a nova atuação dessa geração na propriedade (MELLO et al. 2003).

Em relação de transferência do patrimônio aos filhos ou sucessores, a grandes conflitos. Muitos são por conta da renumeração dos filhos que não vão ficar com o patrimônio, sua futura profissão e até por conta do gênero. Muitos anos atrás, as mulheres não tinham direito de receber herança paterna, agora essa realidade mudou um pouco, mesmo assim as mulheres preferem seguir outra profissão a ser agricultora. (MELLO et al. 2003).

Na época dos anos 60 os agricultores familiares discutiam formas de garantir os objetivos da sucessão familiar. Nos anos 60 e até hoje a propriedade dos pais é passada para o filho mais novo, sendo que os demais são recompensados com a valorização de uma profissão, por materiais necessários para construção de suas casas ou na aquisição de novas terras. Sendo que naquela época as terras a serem compradas eram com valores baixos e agora não mais (MELLO et al. 2003).

Segundo a pesquisa de Mello *et al* (2003), todos os agricultores entrevistados, são também filhos de agricultores. Isso se mantém devido a forte colonização europeia no Brasil. Tendo em vista, que na Inglaterra 80% são filhos de agricultores que trabalham efetivamente nas terras que eram dos seus pais. Já em Santa Catarina, mais precisamente no oeste do estado a realidade é bem diferente da europeia. Somente 19% dos filhos de agricultores ainda trabalham nas terras que era dos seus pais (MELLO et al. 2003).

O momento exato para a transferência das terras para o sucessor é unicamente realizada com autorização paterna. Passagem definitiva do comando para os filhos ocorre em casos em que o pai não tem mais condições de continuar no trabalho. Isso ocorre principalmente por conta da idade avançada e por motivos de doença. (MELLO et al. 2003).

Mesmo os filhos não tendo total liberdade da gerencia, alguns pais aceitam as propostas vinda dos filhos. Tendo em vista que muitos estão indo cursar uma faculdade, para depois ajudar o pai na propriedade. Como o patrimônio é familiar, todos que vivem nela trabalham em conjunto, tendo os lucros indo diretamente para o pai. Muitas vezes isso causa conflito com os pais e os filhos acabam saindo e indo para a cidade trabalhar como funcionário ou montando seu próprio negócio (MELLO et al. 2003).

Este estudo realizado por Mello *et al* (2003), mostra que os jovens agricultores vem tendo uma grande participação no meio agrícola e na capacidade de uma boa gerência. A parte negativa na sucessão familiar é que mesmo o filho casando e morando em outra casa, mais na propriedade e trabalhando em conjunto com todos, os lucros serão dos pais e cada vez que o filho precisar de dinheiro terá que pedir ao pai. Isso é umas das causas da migração rural (MELLO et al. 2003).

Com desenvolvimento de combustíveis benéficos a natureza, os governos e entidades particulares que produzem o biodiesel, buscaram pareceria os agricultores familiares, que são seus fornecedores de cana-de-açúcar, matéria prima do biodiesel. Essa prática vem crescendo conforme o acréscimo do combustível a população. Proporcionando aos agricultores maiores produções e rentabilidade (ABRAMOVAY; MAGALHÃES, 2007).

No Brasil os estudos da agricultura vêm ganho força em termo social, política, acadêmica e principalmente por meio dos estudiosos das Ciências Sociais que se dedicam a estudar a agricultura e meio rural. Esses estudos só se concretizaram a partir da década de 90, com o papel de defender os pequenos e médios agricultores (FERRARI, 2003).

As mudanças ocorridas no espaço rural nas últimas décadas implicaram em perda de relevância analítica para o corte rural/urbano, agrícola/não-agrícola e, por outro lado, ganha expressão o território ou localidade como enfoque para a formulação de políticas. Assim, passa-se a priorizar a dinâmica dos processos e fluxos econômicos em detrimento da abordagem anterior, que considerava divisões estanques entre as atividades urbanas e as rurais (FERRARI, 2003, p.11).

Nos países desenvolvidos a agricultura familiar é reconhecida, contribuindo assim para o desenvolvimento e estudo da agricultura brasileira. Os investimentos, o trabalho e a gestão são realizados pelos membros da própria família. As tarefas realizadas na propriedade e dividida para cada membro da família realizar (FERRARI, 2003).

Muitas lutas foram travadas no Brasil para que a agricultura tivesse seu espaço próprio na economia brasileira. Um bom exemplo disso é a história do campesinato, agricultores que lutaram para que a produção agrícola, baseada no grupo familiar se desenvolvesse e ocupasse espaço no país. Investindo em tecnologias e produção com objetivo de vendê-las para o mercado externo (FERRARI, 2003).

A expansão econômica em países desenvolvidos com agricultura latifundiária é extensa, contudo a agricultura familiar também crescendo com a ajuda de sistemas de créditos que ajudam os agricultores a adquirirem novos equipamentos, sementes, adubos, defensivos, em fim, tudo que uma produção necessita (FERRARI, 2003).

Existem três características que compõem a expansão econômica. A produção, que deriva da expansão, fertilidade e qualidade das terras, a formação conjunta dos agricultores e um ambiente socioeconômico, voltado para o crescimento e desenvolvimento da agricultura na sociedade (FERRARI, 2003).

Desde a década de 1990 a importância da agricultura familiar no crescimento da economia brasileira vem ganhando força com passar nos anos e mostrando vantagens do desenvolvimento rural, voltado para a promoção e valorização da agricultura familiar. Sendo que nos estabelecimentos patronais a extensão das terras chegam a 10.000 mil hectares e na familiar não passa de 100 hectares. Mostrando que o uso do solo na agricultura familiar é mais intensivo. Tendo maior produção de animais pequenos. Mesmo com áreas menores, a agricultura familiar supera a patronal em vários produtos agropecuários (FERRARI, 2003).

A agricultura familiar compreende grande diversidade cultural, social e econômica, podendo variar desde o campesinato tradicional até a pequena produção modernizada. A maioria das definições da agricultura familiar está vinculada ao número de empregados e ao tamanho da propriedade. As principais características dos agricultores familiares são a maior independência de insumos externos à propriedade e o fato de a produção agrícola estar condicionada às necessidades do grupo familiar (KONZEN et al., 2006, p.1)

Devido à falta de financiamentos viáveis aos agricultores no ano de 1994, pelas serem poucas e pela falta de agricultores para trabalhar nas terras ou pela forte crescimento do capitalismo voltado para profissões com maior renumeração e uma condição de vida melhor. Isso fez com que muitos dos agricultores migrassem para as cidades (FERRARI, 2003).

Hoje em dia os governos disponibiliza vários financiamentos viáveis aos agricultores, com juros baixos, pagos a longo, mas mesmo assim a renda adquirida pela venda dos produtos é baixa, principalmente para os pequenos agricultores, que não tenham um mercado definido ou que dependa unicamente de um mercado, ficando a mercê da política de preço estabelecida pelo mercado (FERRARI, 2003).

A agricultura familiar no Brasil representa 85% do total de estabelecimentos, tendo 30% da área total ocupada, rendendo ao Valor Bruto de Produção (VBP) nacional 37%. Esses valores do VBP representam seguintes produtos produzidos pelos agricultores no mercado interno e externo, para exportação (FERRARI, 2003).

Abaixo o quadro referente à produção agrícola do mercado interno e externo do Oeste de Santa Catarina.

Quadro 2: Produtos agrícola familiar produzidos para o mercado interno e externo.

Gado de Corte	23%
Produção Leiteira	52%
Suínos	58%,
Aves e Ovos	39%
Laranja	27%
Algodão	33%
Feijão	67%
Fumo	97%
Milho	48%
Soja	31%

Fonte: Ferrari, (2003,p.14).

Segundo os dados do Ferrari (2003), o produto mais vendido, seja ele no Brasil ou para o exterior, fica em primeiro lugar o fumo, seguido pela venda de carne ou produto vivo do suíno. Tendo em menor venda o gado de corte e a soja.

Além da grande produção e evolução da agricultura familiar, ela proporciona ao país um volume de vagas de emprego para todos os trabalhadores dos estados do Brasil. Dando em prego a 17 milhões de pessoas na agricultura brasileira e a 13,78 milhões no ramo da agricultura familiar, sendo ela a maior geradora de empregos, por causa da rede familiar, em que todos os membros da família trabalham no empreendimento (FERRARI, 2003).

Grande presença da agricultura familiar causa forte tensão nas pressões sociais na para a população tenha auxílio a serviços básicos, como transporte, energia elétrica, posto de saúde, escolas, redes de comunicações e entre outros serviços necessários a esses agricultores (FERRARI, 2003).

Podendo assim diminuir o preconceito que algumas pessoas da cidade têm com a população que vivem no campo, dando a eles a possibilidade de uma integração social com a população da e abolindo as desigualdades e a exclusão social (FERRARI, 2003).

Em algumas localidades norte-americanas, onde a o predomínio patronal a poucos recursos para a população local, como clubes, escolas, igrejas, bancos, a delinquência juvenil alta. Muito diferente dos países como Norte da Itália e no Sul do Brasil, em que a agricultura familiar (FERRARI, 2003).

O desenvolvimento descentralizado, mas voltado para a ocupação equilibrada das terras familiares, servem de apoio e exemplo para o desenvolvimento de uma sociedade civil e maio rural. Formando assim relações entre o urbano e o rural no ramo político, nas associações e das organizações do município (FERRARI, 2003).

Santa Catarina é o estado que tem um maior numero predomínio da agricultura familiar. Representando 94% do posicionamento agropecuário pertencentes a grupos sociais. Tendo em vista que ocupam 60% da área total do estado. Produzindo 71% do Valor Bruto de Produção (VBP), estadual (FERRARI, 2003).

A região Oeste de Santa Catarina caracteriza-se por sua forte indústria agroalimentar, alicerçada historicamente na agricultura familiar, tendo constituído o maior pólo agroindustrial de aves e suínos do País em apenas cinco décadas de colonização. Com sua economia centrada na agropecuária, dispõe de poucas alternativas economicamente produtivas

não ligadas a matérias-primas originadas do setor primário (FERRARI, 2003, p.12).

No sul de Santa Catarina a produção agrícola predominante é baseada na monocultura de fumo e arroz e na criação de frangos e suínos. Essa atividade não dado muita renda aos agricultores para terem uma vida digna. Tendo que os produtos vindos da produção agrícola familiar enfrentam grandes dificuldades, com a legalização e a comercialização dos produtos (ESTEVAM et al., 2013).

Desta forma, não existe saída para o agricultor familiar, ou ele é um integrado da agroindústria ou é um produtor informal. E, ainda, a legislação, principalmente no que concerne aos produtos de origem animal, tem se tornado cada vez mais rigorosa e, quando os agricultores tentam sair da informalidade, os custos de operacionalização inviabilizam a reprodução das famílias, levando-as a se endividarem e a evadirem do campo (ESTEVAM et al., 2013,p.2).

Com o surgimento da legalização o agricultor ficou sem saída. Para ter o seu produto vendido ele terá que se integrar a uma agroindústria, ganhando uma renda baixa pelo produto. Em alguns casos a valor pago ao agricultor pelo produto é tão baixo que ele mal pode pagar as dívidas adquiridas com o seu investimento. Outra forma seria trabalhar de maneira informal (ESTEVAM et al., 2013).

O primeiro problema se dava em relação à escala de produção, a pequena quantidade produzida não permitia a inserção do produto no mercado de forma individualizada, pois os custos de produção, comercialização e legalização são muito elevados e impossibilitam qualquer iniciativa isolada. O segundo era: como atuar coletivamente, se as propriedades rurais são distantes umas das outras? Nesta situação, pensar numa cooperativa nos moldes tradicionais estava fora de escopo (ESTEVAM et al., 2013, p.2).

A legislação ocorre com os produtos de origem animal, vem tendo exigências cada vez mais severas. E quando o agricultor resolve abandonar sistema informal, aparecem mais problemas. O custo para adaptação das exigências da legislação inviáveis para os agricultores pagarem e quando o fazem se endividam em bancos, cobrando juros altíssimos e correndo o risco de ficar sem suas terras e saírem do campo (ESTEVAM et al., 2013).

A primeira cooperativa rural não-patrimonial (virtual) criada na região Sul catarinense foi a COOFANOVE (Cooperativa de Produção Agroindustrial Familiar de Nova Veneza). Fundada na Região por um grupo de agricultores familiares do município de Nova Veneza –SC, com o apoio da EPAGRI local. O esforço conjunto de agricultores e técnicos da EPAGRI possibilitou a criação deste modelo cooperativo na região (ESTEVAM et al., 2013, p.3).

Muitos agricultores que queriam ter um ganho maior na agricultura investiram em pequenas indústrias nas suas propriedades. Com ajuda da Coofanove uma empresa sem fins lucrativos criada em 2004, oferece aos produtores rurais a legalização de seus produtos, além de ajuda-los a divulgar e comercializar seus produtos, se os tornando cooperados (ESTEVAM et al., 2013).

A COOFANOVE foi constituída em 2004 e, em 2005, a cooperativa inaugurou o seu *showroom* para a exposição dos produtos dos cooperados, com o objetivo de divulgá-los e comercializá-los (ESTEVAM et al., 2013, p.3).

A Coofanove esta distribuída em várias cidades do Estado de Santa Catarina, entre elas: Nova Veneza, Criciúma, Içara, Urussanga e entre outras cidades. Divulgando e legalizando os produtos das famílias rurais de Santa Catarina (ESTEVAM et al., 2013).

COOFANOVE (Cooperativa de Produção Agroindustrial Familiar de Nova Veneza - SC), Cooperativa Nosso Fruto de Criciúma - SC, a COOPAFI (Cooperativa de Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Içara - SC), a COONAFOR (Cooperativa de Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Forquilha - SC), COOFASUL (Cooperativa de Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Urussanga - SC), COAFF (Cooperativa dos Agricultores Familiares Fumacense de Morro da Fumaça - SC) e a COOPERMILLA (Cooperativa de Produção Agroindustrial dos Agricultores Familiares de Lauro Muller - SC) (ESTEVAM et al., 2013, p.3-4).

No passado a agricultura não era bem vista, muitos a consideravam como sinônimo de atraso no crescimento de vida da população. Muitos ainda hoje têm algum preconceito com o povo rural. Sendo que quem abastece a população da cidade são os agricultores, se não fosse por eles o povo da cidade passaria fome. (ESTEVAM et al., 2013).

A agricultura familiar passou por um longo período de descrença, todavia, na atualidade se constata o seu ressurgimento, como arranjo produtivo e categoria sociocultural de significado relevante. Assim, no tratamento da questão social e econômica do mundo rural, isto reforça a sua importância, com o retorno deste debate sob outra perspectiva, uma vez que o rural servia de contraponto ao moderno, como locus de atraso e gerador de problemas (ESTEVAM et al., 2013, p.4-5).

2.2 MIGRAÇÃO

Os agricultores precisam de incentivos e os jovens de estudo para que assim permanecerem investindo na agricultura, sendo que cada vez mais os jovens estão sendo atraídos pela cidade grande, através de influências sociais, educacionais e financeiras, deixando de lado as suas origens. Para que esses jovens e agricultores mais antigos não saiam do ramo agrícola, é preciso apoio e inovação na política nos estudos agrícolas, no incentivo a não discriminação dos agricultores e dos jovens, apoio financeiro dos bancos e governos, entre outros benefícios (FURLAN, 2014).

A agricultura vem passando por grandes dificuldades perante a saída dos jovens do meio rural, principalmente relacionado ao gênero feminino. As maiorias das filhas de agricultores não permanecem no meio rural ajudando os pais é mais comum a permanência dos filhos do gênero masculino. Infelizmente essa migração das mulheres do meio rural está cada vez mais frequente, conseqüentemente por conta da vida melhor que elas buscam na cidade (BRUMER, 2004).

2.2.1 Mundial

O mundo vive uma época de globalização e de mudanças e a migração faz parte desse contexto. Com o crescimento dos países e de suas cidades as ofertas de trabalho aumentam e muitos saem dos seus países, estados ou cidades para trabalharem nos grandes centros urbanos, buscando um emprego e uma vida melhor (SANTOS; VOLUPCA, 2014).

2.2.2 Brasil

A migração rural no Brasil diminuiu um pouco de alguns anos para cá, mais ainda é um grande número de pessoas saindo da zona rural, por conta das leis trabalhistas. Elas auxiliam os trabalhadores na zona urbana com seguro desemprego, encosto por acidente de trabalho, férias, 13º e entre outros. Sendo que o trabalhador rural ou o proprietário rural não possui esses benefícios (ALVES; MARRA, 2009).

2.2.3 Santa Catarina

Os agricultores rurais de Santa Catarina, principalmente os jovens não querem mais permanecer no meio rural, em busca de melhores condições de trabalho, socialização, casamento, independência financeira e entre outros. Ocasionalmente ocasionando lentidão no desenvolvimento da agricultura familiar. Tendo em vista que o mercado profissional tem mais valor do que os agricultores, fazendo os jovens buscarem mais esse mercado, que cada vez cresce mais (STROPASOLAS, 2002).

2.2.4 Município

Segundo a pesquisa realizada por Furlan (2014), em Nova Veneza no distrito de São Bento Baixo, com 34 alunos agricultores do entre 14 e 19 anos da Escola Estadual Básica Julieta Torres Gonçalves 38 % dos alunos afirmaram que querem sair do meio rural e ir para a cidade buscando sua independência financeira e 34% procura por um emprego melhor (FURLAN, 2014).

Ambos buscando sua independência financeira pra não ficar sempre dependendo das finanças dos pais, sendo o meio urbano atrai mais esses jovens pela variação de renda, empregos, estudos, lazer e entre outros (FURLAN, 2014).

Sendo que 50% dos jovens alunos buscam uma qualificação profissional e fim de conseguir uma vida melhor tanto financeira como social, pois em alguns casos acaba dificultando amizades com outras pessoas, tendo em vista que no meio rural eles não tem contato com outras pessoas a não ser seus familiares, que para eles seria sair do meio rural (FURLAN, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A Metodologia Científica é a ciência que estuda e realiza pesquisas, buscando a inovações científicas das pesquisas, já abordadas no passado, assimilando com novas pesquisas do presente para o futuro. Com início do surgimento da humanidade já se descobria os primeiros vestígios do conhecimento e das técnicas atribuídas para a evolução da ciência (CERVO; BERVIAN, 2002).

A Evolução da ciência se solidifica em registros em meados do século XVII e XVIII, tendo em destaque os cientistas consagrados como: Nicolau Copérnico, que foi um dos astrônomos que deram seguimento a astronomia moderna que conhecemos hoje em dia, também foi matemático polaco, medico e astrólogo, Galileu e entre outros (CERVO; BERVIAN, 2002).

O Conhecimento Científico busca identificar os acontecimentos, suas causas e leis. O conhecimento de décadas passadas era focado unicamente na certeza e na provação, caso o elemento estudado não fosse aprovado, não seria aceito pelos seus líderes (CERVO; BERVIAN, 2002).

Dessa forma, no decorrer desse estudo serão apresentados os seguintes procedimentos metodológicos: delineamento da pesquisa, definição da população-alvo, plano de coleta e análise de dados.

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

O Delineamento da Pesquisa, nada mais é que a definição dos tipos de pesquisas que envolvem os fins e os meios de uma investigação para assim alcançar os objetivos desse estudo. (VERGARA, 2009).

As pesquisas que envolvem os fins de uma investigação são classificadas como: exploratória, descritiva, explicativa e aplicada. Entre as pesquisas tipo meios de investigação são classificadas em: pesquisa de campo, pesquisa documental, pesquisa bibliográfica, ex post facto, participante, pesquisa ação e estudo de caso (VERGARA, 2009).

Com base nos objetivos desse estudo, o delineamento da pesquisa a ser aplicada é: pesquisa descritiva, explicativa e aplicada, se utilizando pesquisa de campo, entrevistas e pesquisas bibliográfica.

A pesquisa descritiva observa, registra analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação com os outros, sua natureza e características. Busca conhecer as diversas situações e relações que ocorre na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano (CERVO; BERVIAN, 2002, p.35).

A Pesquisa Explicativa busca justificar os motivos e fenômenos, explicando os fatores que contribuam com efeito na ocorrência desses fenômenos (VERGARA, 2009).

Pesquisa Aplicativa tem por objetivo a motivação fundamental na resolução de problemas concretos, imediatos ou não. Possuindo objetivos práticos (VERGARA, 2009).

Pesquisa de Campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações ou conhecimentos acerca de um problema para a qual se procura uma resposta, ou uma hipótese que se queira comprovar ou ainda descobrir novos fenômenos ou a relação entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisa-los (LAKATOS; MARCONI, 2006, p.83).

Pesquisa Bibliográfica, também conhecida como fontes secundarias, estende-se a todas as bibliografias públicas com relação ao trabalho publicações, boletins, jornais, revistas e entre outros. Essa ferramenta bibliográfica auxilia na resolução de problemas conhecidos e também para a expansão de novas áreas onde os problemas não são resolvidos facilmente (LAKATOS; MARCONI, 2006).

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA OU POPULAÇÃO-ALVO

A Definição da área ou da população alvo é formada basicamente pela delimitação de pessoas, organizações e fenômenos, dentre eles se encontram características como sexo, faixa etária, renda, empresas, localização e entre outras características (LAKATOS; MARCONI, 2006).

Nova Veneza se encontra localizada ao sul de Santa Catarina, próxima às cidades de Criciúma, Forquilha, Siderópolis, Meleiro e Morro Grande. Nova Veneza é uma cidade pequena, com forte predominância da cultura italiana e da agricultura, sendo que metade da população de 14.285 vive na agricultura, fortemente atribuída a agricultura familiar, segundo dados do IBGE de 2014.

A população alvo desse estudo são os agricultores de Nova Veneza-SC, mais especificamente, a os agricultores da comunidade do Picadão-Nova Veneza.

Abaixo a estruturação da população alvo, de acordo com objetivo geral do estudo.

Quadro 3: Estruturação da população-alvo.

OBJETIVO GERAL	PERÍODO	EXTENSÃO	UNIDADE DE AMOSTRAGEM	ELEMENTO
Avaliar os motivos que estão levando esses trabalhadores rurais a saírem de suas terras para trabalhar nas cidades. Quais seriam as soluções para inibir essa migração.	Primeiro semestre de 2015	Região Sul	Cidade de Nova Veneza-SC	Agricultores da comunidade do Picadão-Nova Veneza-SC

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2014)

A pesquisa define-se como por critério de escolha e por acessibilidade. Sendo por critério de escolha da pesquisadora da população alvo. Segundo Lakatos e Marconi (2006), buscar informações em conjunto muito grande é impossível, tendo em vista a necessidade de definir-se uma amostragem que represente esse conjunto.

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

É nessa etapa de coleta de dados que inicia a aplicação da população alvo e suas técnicas estabelecidas, a fim de realizar uma coleta de dados concretos. A coleta de dados é uma responsabilidade cansativa e que toma muito tempo do pesquisador, exigindo paciência, perseverança e esforço pessoal, além de ter o cuidado criterioso na elaboração para a pesquisa e no registro desses dados (LAKATOS; MARCONI, 2006).

Baseado na metodologia e amostragem utilizada no estudo, se utilizando de coleta de dados primários, sendo que foi realizado um estudo com a amostra dos agricultores alvo da comunidade do Picadão-Nova Veneza-SC.

As técnica de coleta de dados utilizada neste estudo é a técnica qualitativa tendo como principal finalidade a análise dos fatos, obtendo dados sobre a amostra das populações e programas, se utilizando de entrevistas padronizadas, que é a entrevistas em que o entrevistador segue um questionário para obter os dados necessários para seu estudo. (LAKATOS; MARCONI, 2006).

Para a realização da entrevista foi elaborado um questionário com base nos objetivos específicos do estudo, ao todo foram elaboradas 16 perguntas a serem aplicadas na entrevista, a fim de se obter o resultado esperado com esse estudo, que é entender um pouco a vida desses agricultores e por que, quais as razões que os levam a quererem sair das suas terras e irem para a cidade.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS

A entrevista será realizada com 20 agricultores de ambos os gêneros, de idades 18 a 60 anos da comunidade do Picadão-Nova Veneza-SC por critério de escolha e disponibilidade da pesquisadora. Sendo realizado um questionário referente ao assunto em questão do estudo. Em questão este estudo será realizado utilizando a abordagem qualitativa, ou seja, sem a necessidade da utilização de instrumentos estatísticos.

4. ANÁLISE DA PESQUISA

Neste capítulo será abordado a apresentação dos métodos de análise da pesquisa efetuada com 20 agricultores da comunidade do Picadão em Nova Veneza-SC. Demonstrando os resultados obtidos de forma clara e precisa. A pesquisa foi aplicada utilizando questionários efetuados nas propriedades dos próprios agricultores, buscando com isso informações referentes à migração rural da comunidade do Picadão. Todos os questionários aplicados foram respondidos. Os agricultores pesquisados responderam o questionário de forma clara e sem rodeios, expressando abertamente a sua opinião sobre o assunto em pauta.

4.1 PERFIL DOS AGRICULTORES

4.1.1 Estado civil dos agricultores

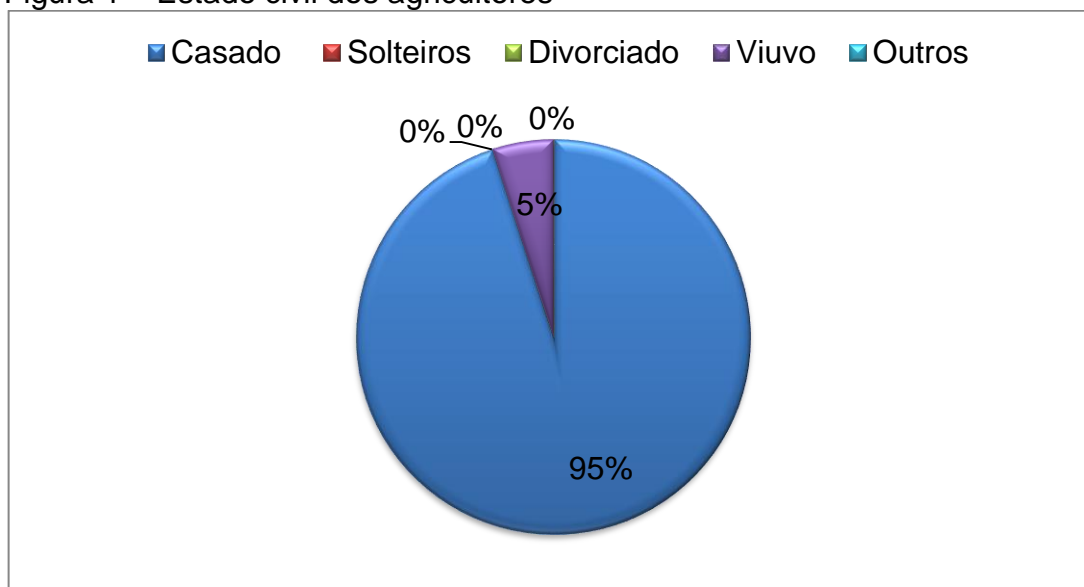
O primeiro ponto a ser abordado na pesquisa, foi que dos 20 agricultores pesquisados, 19 (95%) são casados, sendo 1(5%) é viúvo. Como mostra o quadro e o gráfico a seguir.

Quadro 6 – Estado civil dos agricultores

Estado Civil	
Casado	19
Solteiro	0
Divorciado	0
Viúvo	1
Outros	0

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 1 – Estado civil dos agricultores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.1.2 Idade dos agricultores

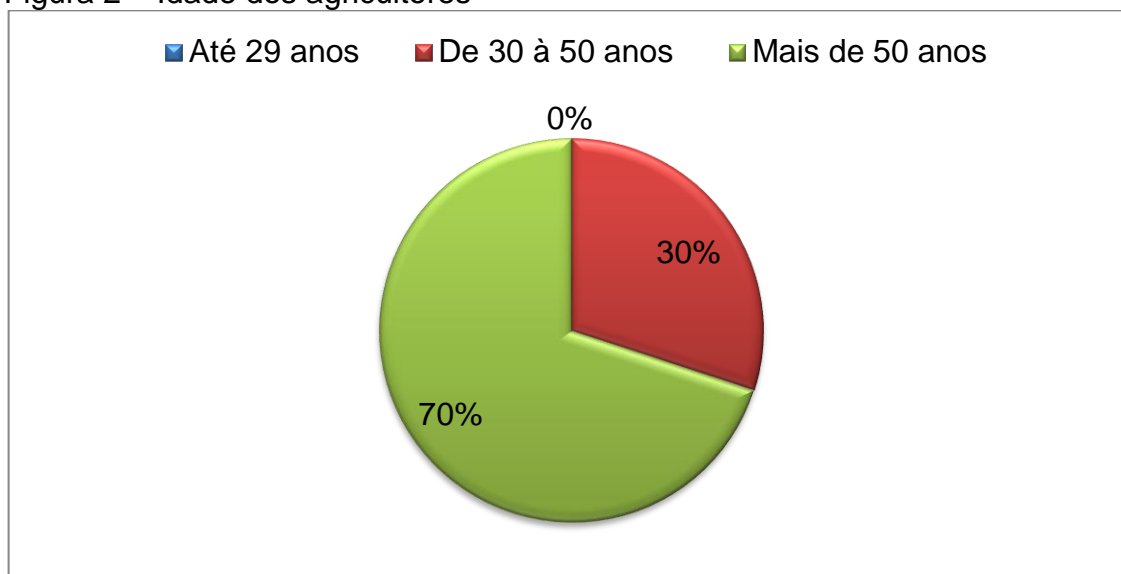
A pesquisa foi realizada com agricultores entre 18 a 60 anos. Tendo 14 (70%) dos entrevistados cima de 50 anos e 6 (30%) entre 30 a 50 anos. Como se observa no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 7 – Idade dos agricultores

Idade	
Até 29 anos	0
De 30 à 50 anos	6
Mais de 50 anos	14

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 2 – Idade dos agricultores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.1.3 Gênero

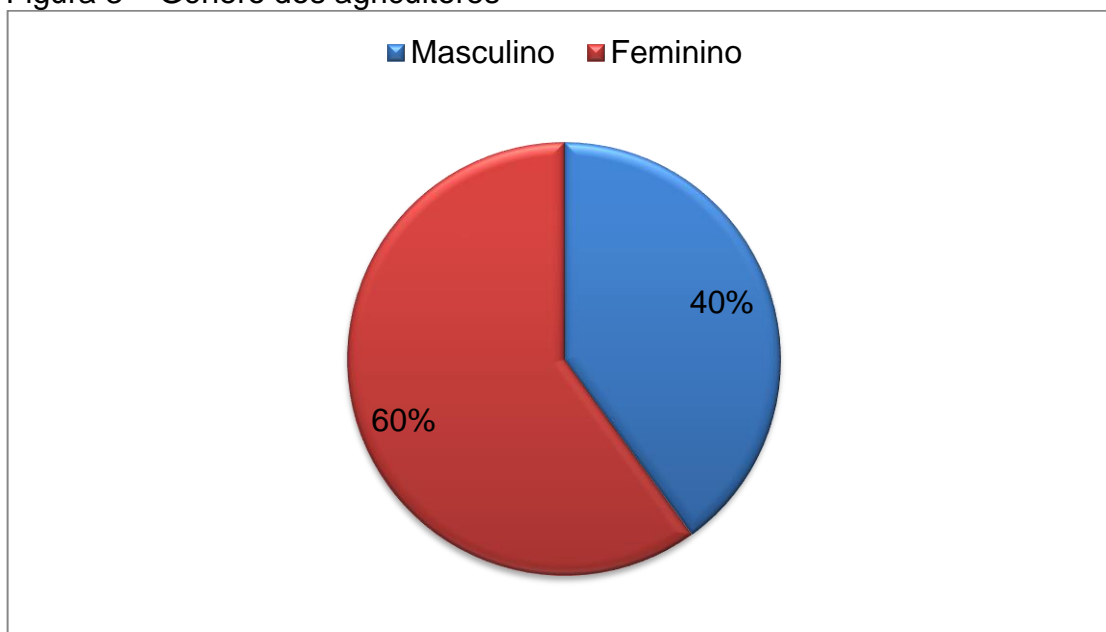
A pesquisa realizada revelou que dos 20 agricultores entrevistados 12 (60%) são mulheres e 8 (40%) são homens. Como se ressalta no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 8 – Gênero dos agricultores

Gênero	
Masculino	8
Feminino	12

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 3 – Gênero dos agricultores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.1.4 Filhos dos agricultores

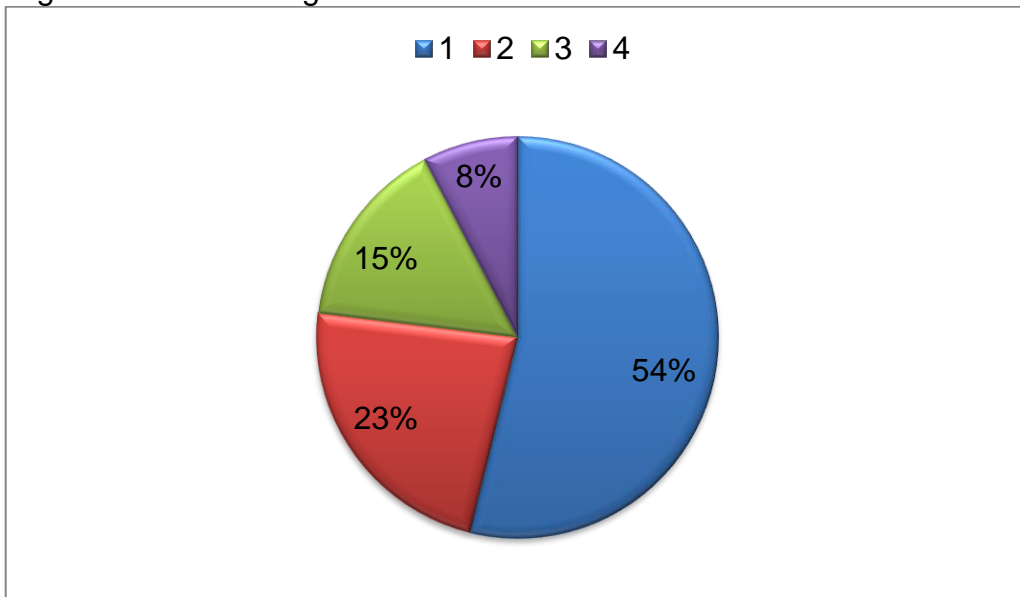
Os dados obtidos com a pesquisa nos mostra que 7 (54%) dos agricultores pesquisados tem somente 1 filho do gênero masculino e 5 (38%) do gênero feminino. E dos agricultores com 2 filhos, 3 (15%) do gênero masculino e 7 (54%) do gênero feminino. Dando-nos um total de 13 filhos de ambos os gêneros. Observando o quadro e os gráficos a seguir.

Quadro 9 – Filhos dos agricultores

Filhos dos agricultores		
Filhos	Masculino	Feminino
1	7	5
2	3	7
3	2	1
4	1	0
Total	13	13

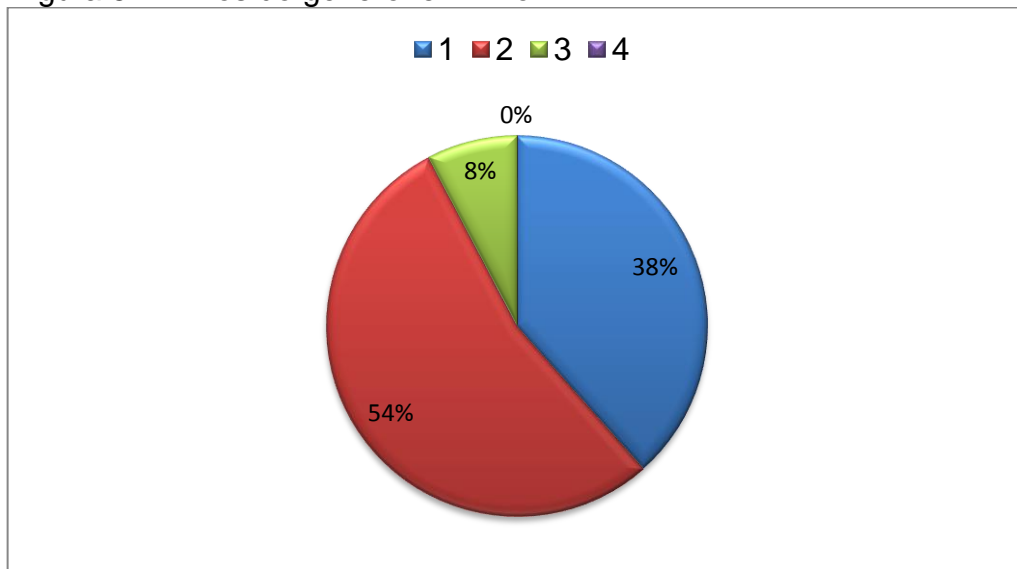
Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 4 – Filhos do gênero masculino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

Figura 5 – Filhos do gênero feminino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

Segundo os dados obtidos com a pesquisa todos os agricultores pesquisados são casados com idades de 30 a 60 anos, sendo a maioria do gênero feminino, tendo a grande maioria 1 (54%) filho do gênero masculino e em segundo lugar 2 (54%) filhos do gênero feminino.

4.2 PERMANÊNCIA DOS FILHOS NO MEIO RURAL

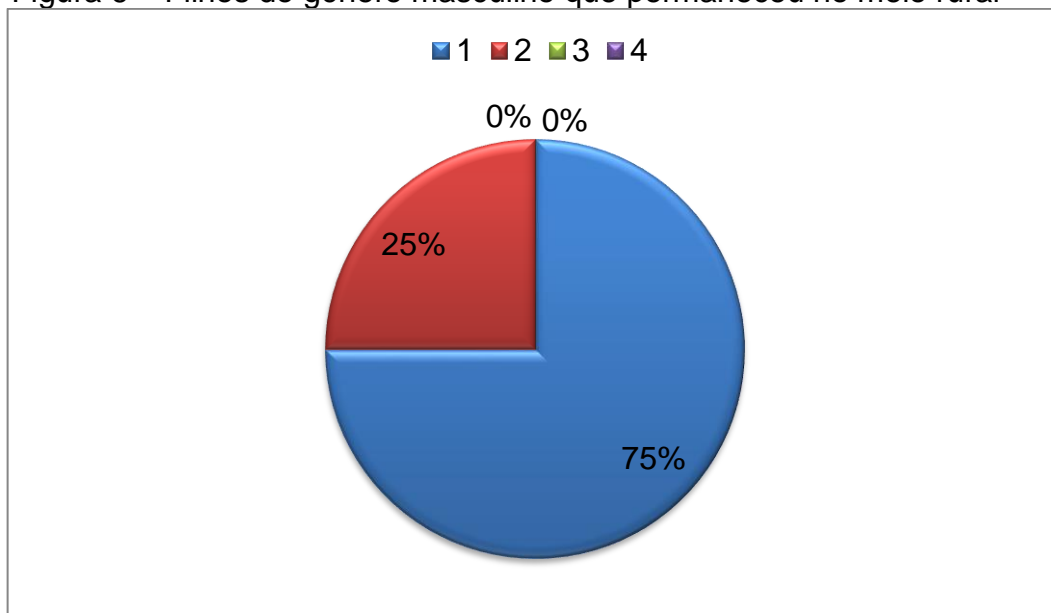
Com base nos dados coletados na pesquisa, pode se observar que os agricultores com somente 1 filho, 3 (75%) e com 2 filhos, 1 (25%) do gênero masculino permaneceu no meio rural e do gênero feminino com 1 filha permaneceu. Como mostra o quadro e os gráficos a seguir.

Quadro 10 – Filhos que permaneceram no meio rural

Filhos que permaneceram no meio rural		
Filhos	Masculino	Feminino
1	3	1
2	1	0
3	0	0
4	0	0
Total	4	1

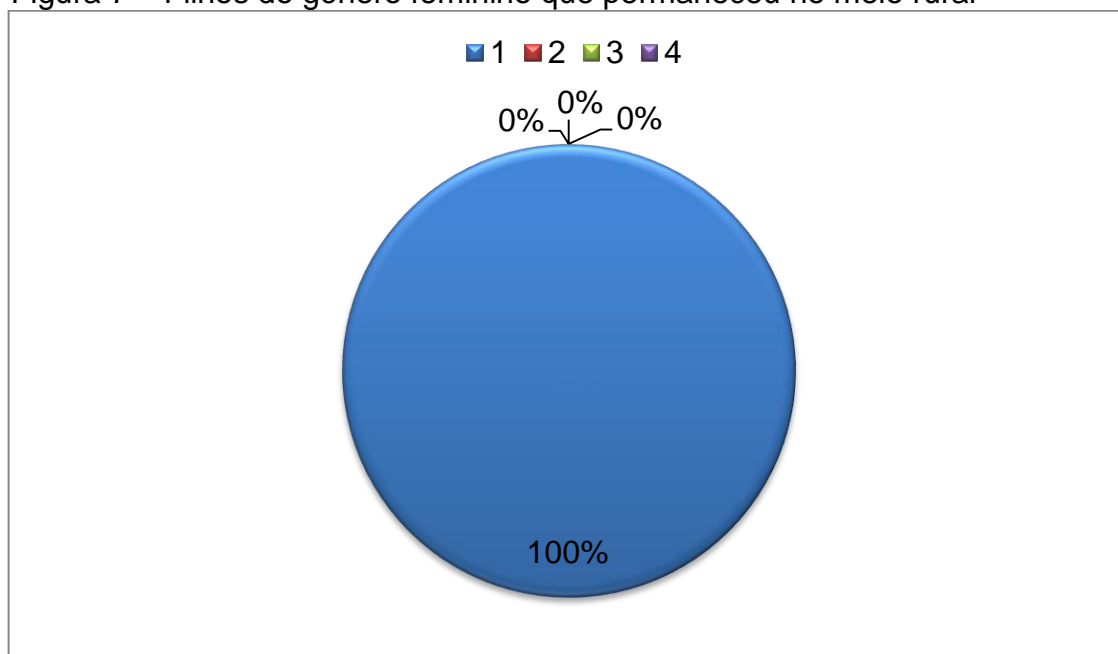
Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 6 – Filhos do gênero masculino que permaneceu no meio rural



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

Figura 7 – Filhos do gênero feminino que permaneceu no meio rural



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.3 PROPRIEDADES

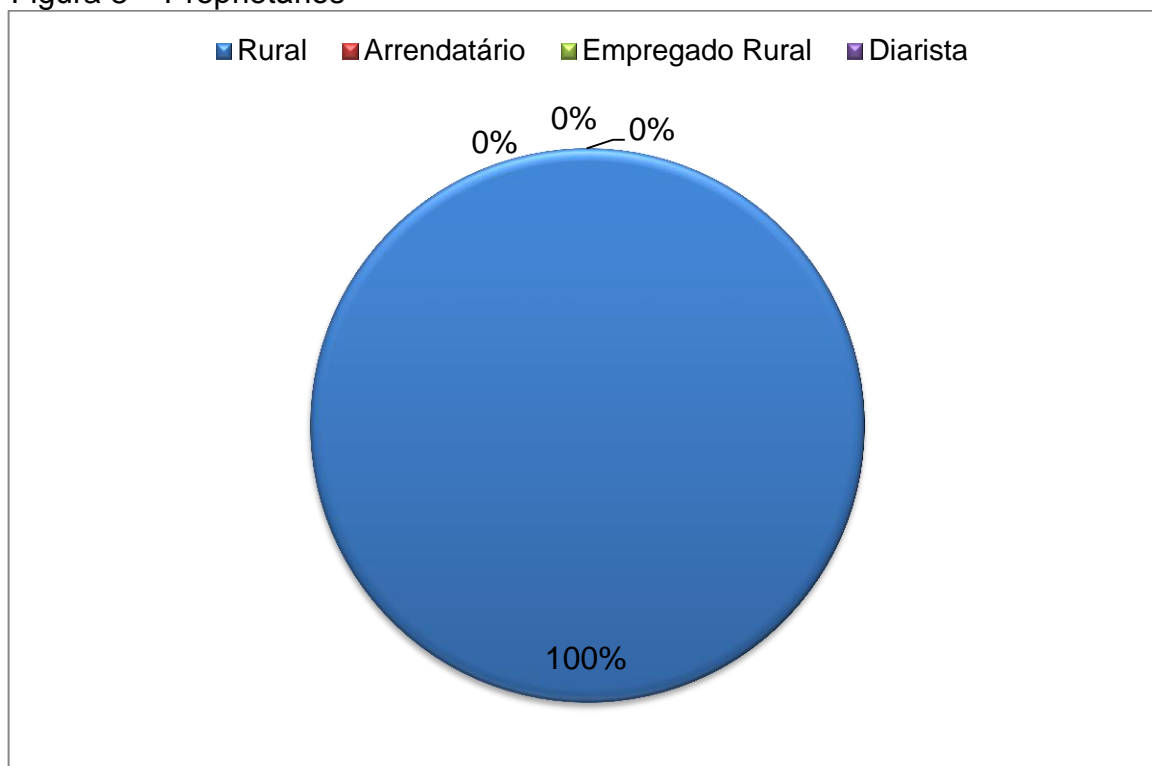
Todos os agricultores pesquisados são proprietários rurais, ou seja, as terras onde eles moram foram adquiridas ou passadas pelos seus sucessores. Como mostra o quadro e o gráfico a seguir.

Quadro 11 – Proprietários

Proprietário	
Rural	20
Arrendatário	0
Empregado Rural	0
Diarista	0

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 8 – Proprietários



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.4 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

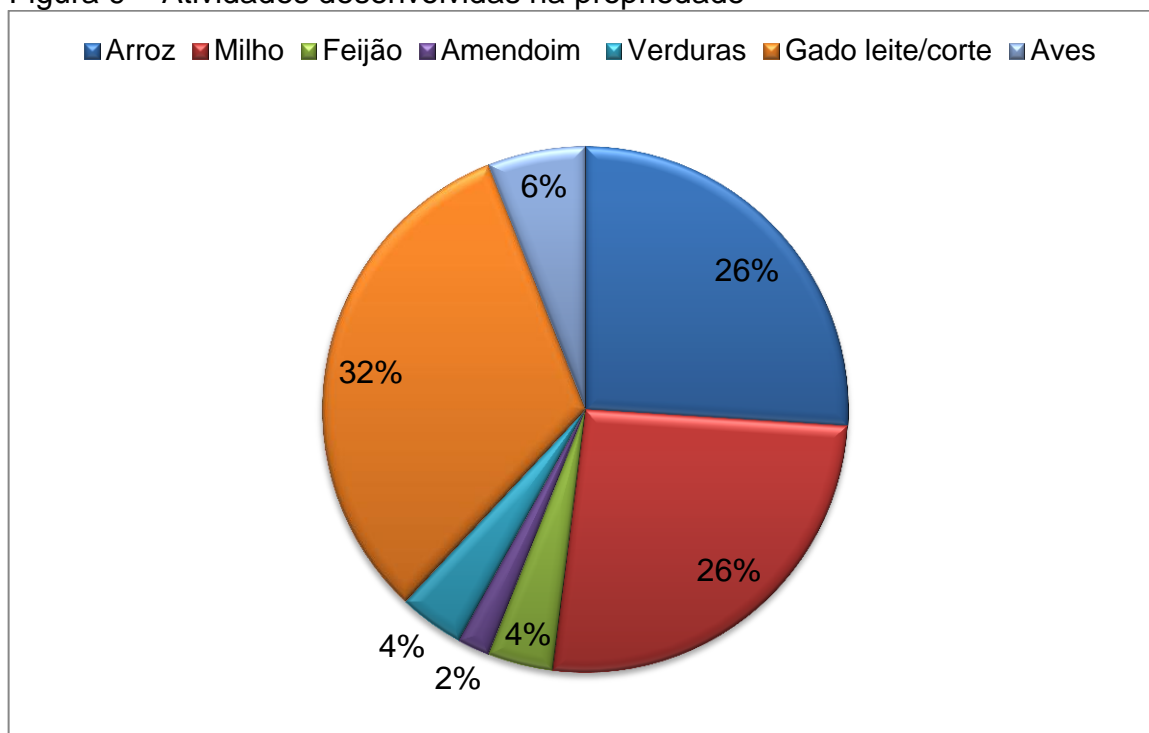
As atividades desenvolvidas pelos agricultores pesquisados na comunidade do picadão são em primeiro lugar com 16 (32%) a criação de gado de leite e de corte, tendo logo em seguida respectivamente as atividades de milho e arroz com 13 (26%). Como se observa no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 12 – Atividades desenvolvidas na propriedade

Atividades Desenvolvidas	
Arroz	13
Milho	13
Feijão	2
Amendoim	1
Verduras	2
Gado leite/corte	16
Aves	3
Total	50

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 9 – Atividades desenvolvidas na propriedade



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.5 RENDA DOS AGRICULTORES

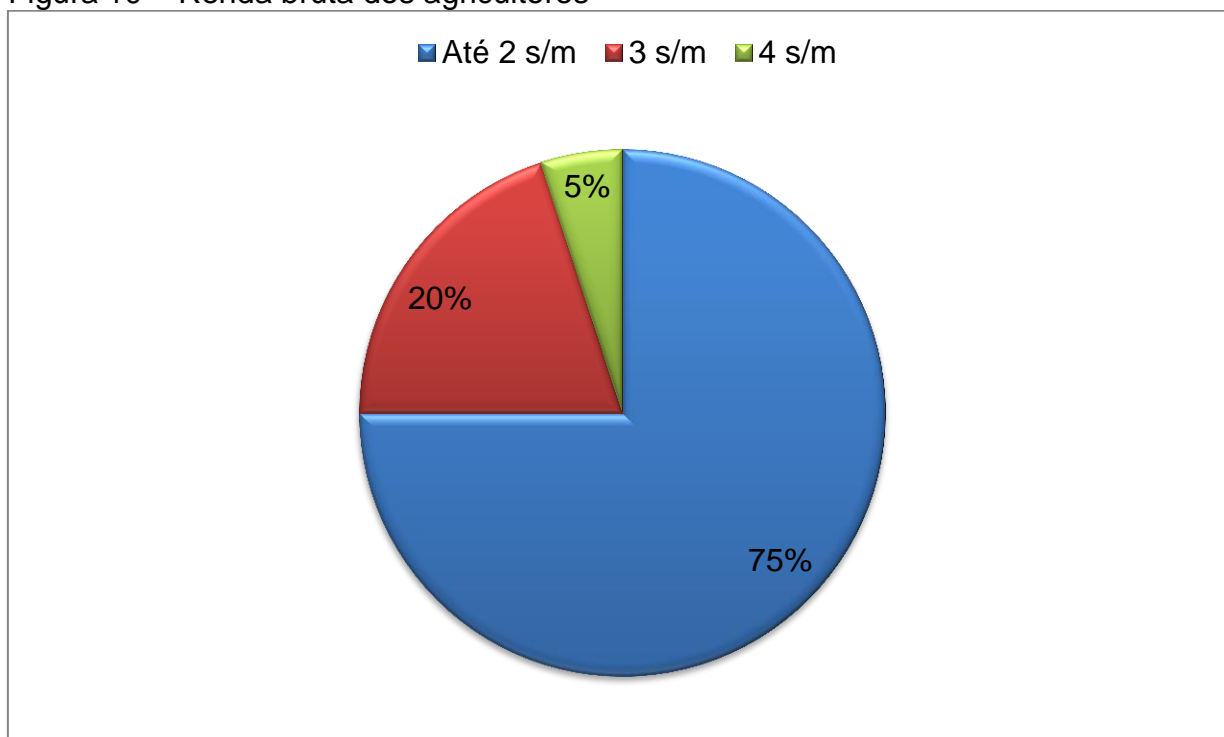
Pelos dados obtidos com a pesquisa se observa que 15 (75%) dos agricultores ganham uma renda bruta de 2 salários mínimos por mês e 4 (20%) ganham 3 salários, sendo que de lucro esse número irá cair bastante. Como se observa no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 13 – Renda bruta dos agricultores

Renda bruta mensal salários mínimos/mês	
Até 2 s/m	15
3 s/m	4
4 s/m	1

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 10 – Renda bruta dos agricultores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.6 OS FILHOS QUE PERMANECERAM NO MEIO RURAL

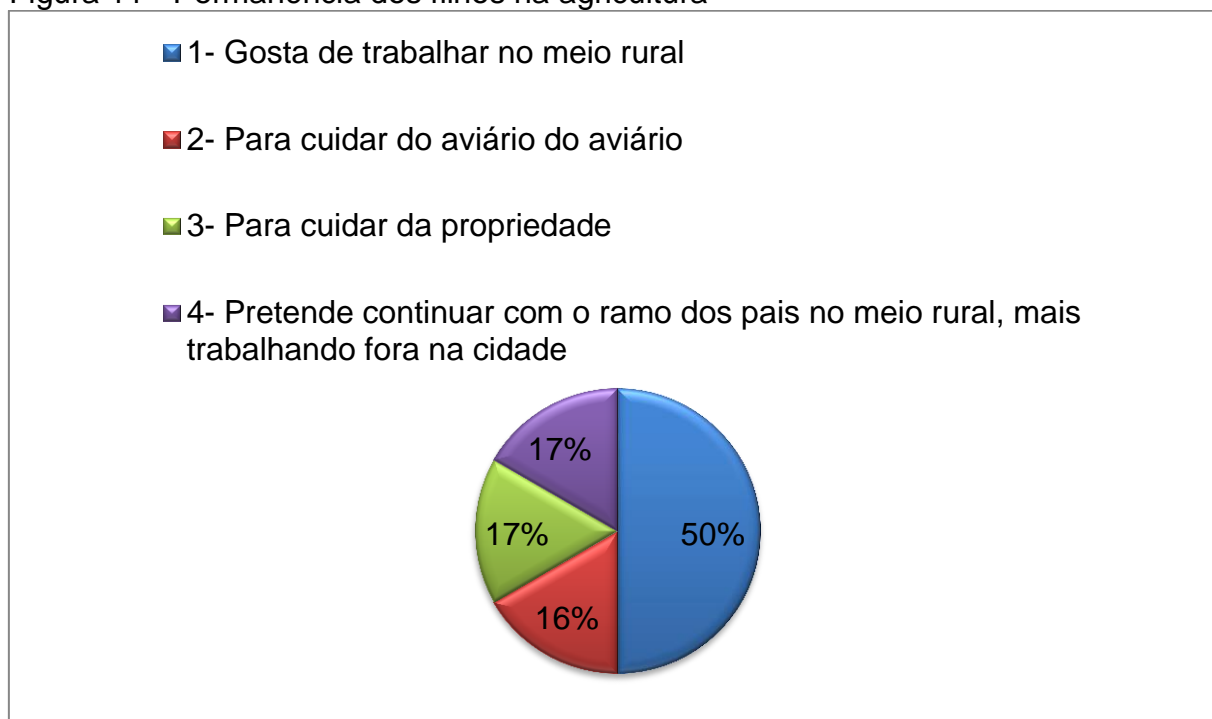
Dos filhos que permaneceram no meio rural 3 (50%) responderam na pesquisa realizada que ficaram porque gostam de trabalhar na agricultura e os demais, uns disseram que ficaram para cuidar da propriedade e outros para continuar com o ramo dos pais na agricultura. Como observa no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 14 – Permanência dos filhos na agricultura

Os que ficaram, os que levou a ficar?	
1- Gosta de trabalhar no meio rural	3
2- Para cuidar do aviário do aviário	1
3- Para cuidar da propriedade	1
4- Pretende continuar com o ramo dos pais no meio rural, mais trabalhando fora na cidade	1

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 11 - Permanência dos filhos na agricultura



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.7 SATISFAÇÃO DOS FILHOS QUE FICARAM

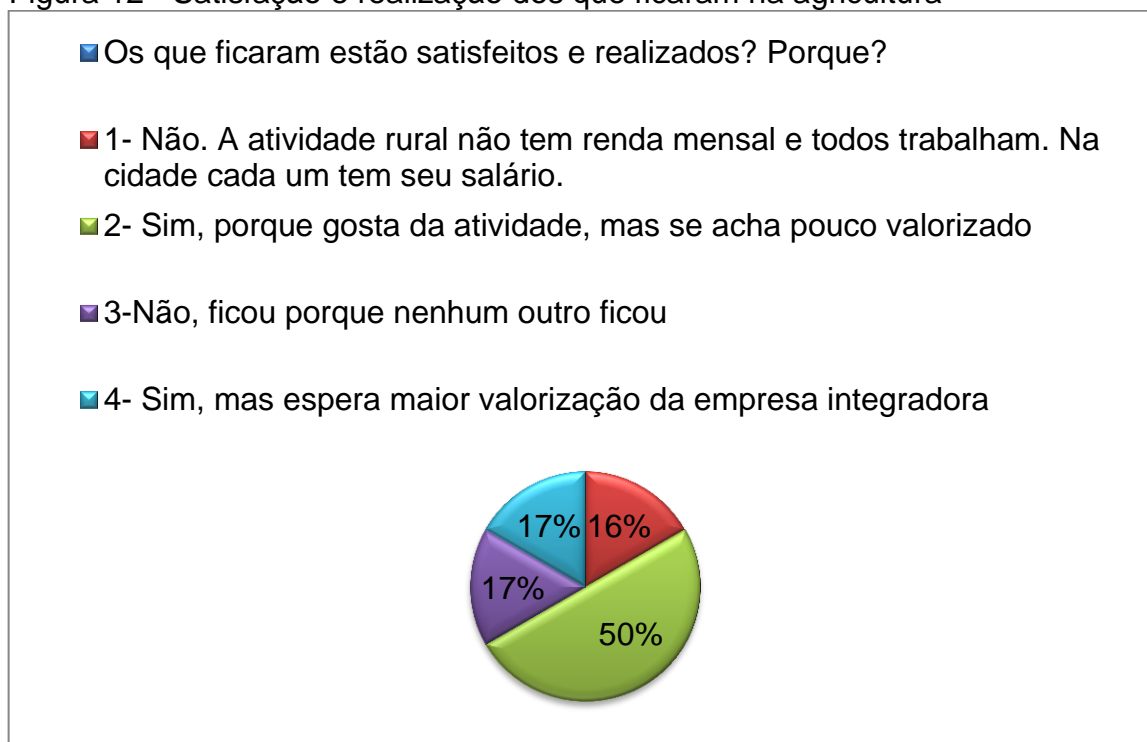
Com base nas respostas dos pesquisados, 3 (50%) responderam que estão satisfeitos e realizados em trabalhar na agricultura, mais se acham pouco valorizados e os outros 1 (17%) responderam que não, pois a renda que se ganha na agricultura é anual ou seja por safra de plantação e na cidade é por mês e também são todos os membros da família que trabalham e ganha e na agricultura os lucros ficam somente para o proprietário. Segundo o quadro e gráfico a seguir.

Quadro 15 – Satisfação e realização dos que ficaram na agricultura

Os que ficaram estão satisfeitos e realizados? Porque?	
1- Não. A atividade rural não tem renda mensal. Na cidade cada um tem seu salário.	1
2- Sim, porque gosta da atividade, mas se acha pouco valorizado	3
3-Não, ficou porque nenhum outro ficou	1
4- Sim, mas espera maior valorização da empresa integradora	1

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 12 - Satisfação e realização dos que ficaram na agricultura



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.8 CAUSAS DA SAÍDA DOS FILHOS

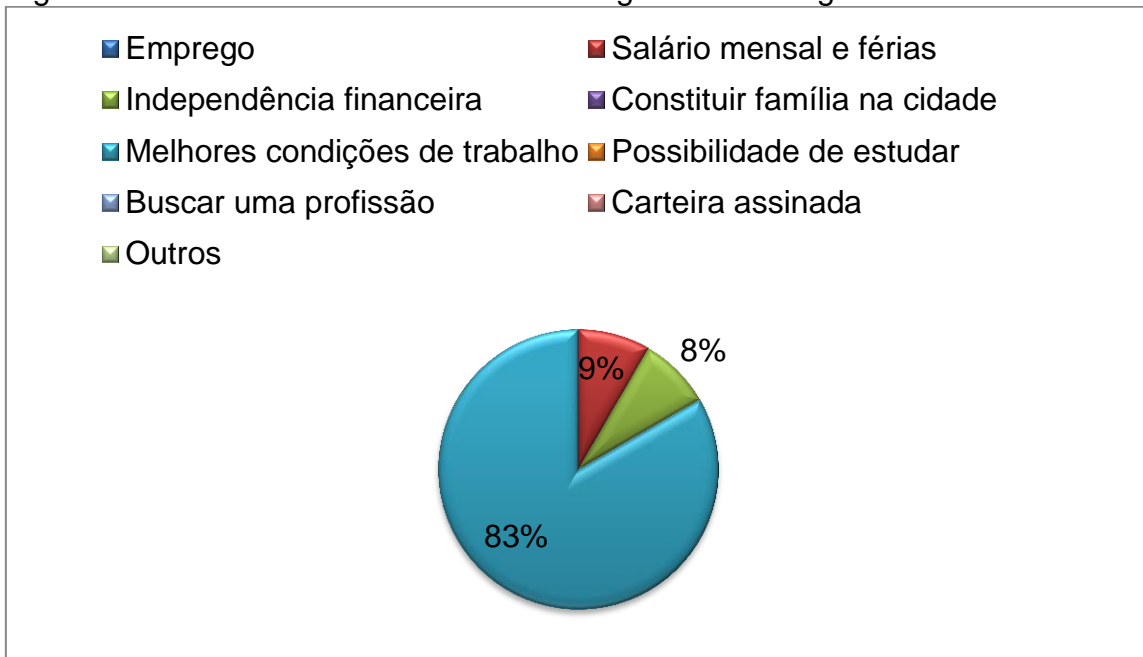
Os filhos de agricultores que saíram do meio rural, 10 (83%) do gênero masculino e 12 (92%) do gênero feminino responderam que saíam da agricultura para buscarem melhores condições de trabalho na cidade. Podemos analisar no quadro e gráficos a seguir.

Quadro 16 – Causas da saída dos filhos da agricultura

O que os levou a sair?		
	Homens	Mulheres
Emprego		
Salário mensal e férias	1	1
Independência financeira	1	
Constituir família na cidade		
Melhores condições de trabalho	10	12
Possibilidade de estudar		
Buscar uma profissão		
Carteira assinada		
Outros		

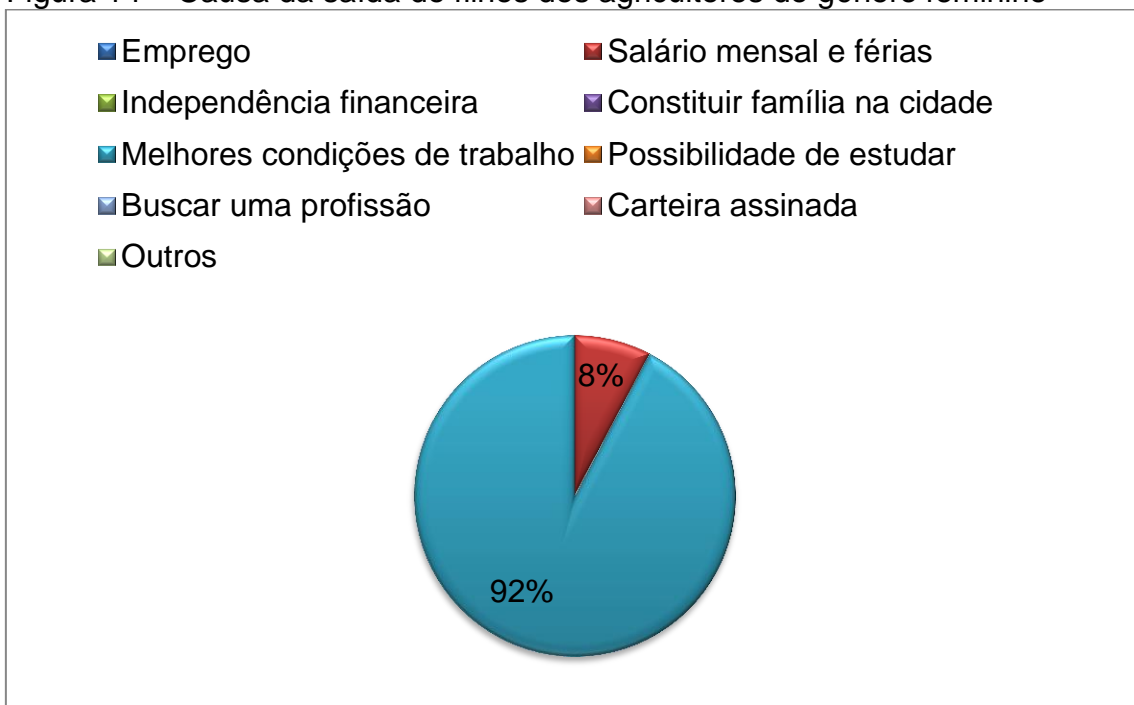
Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 13 – Causa da saída do filhos dos agricultores do gênero masculino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

Figura 14 – Causa da saída do filhos dos agricultores do gênero feminino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.9 SATISFAÇÃO DOS FILHOS QUE SAÍRAM

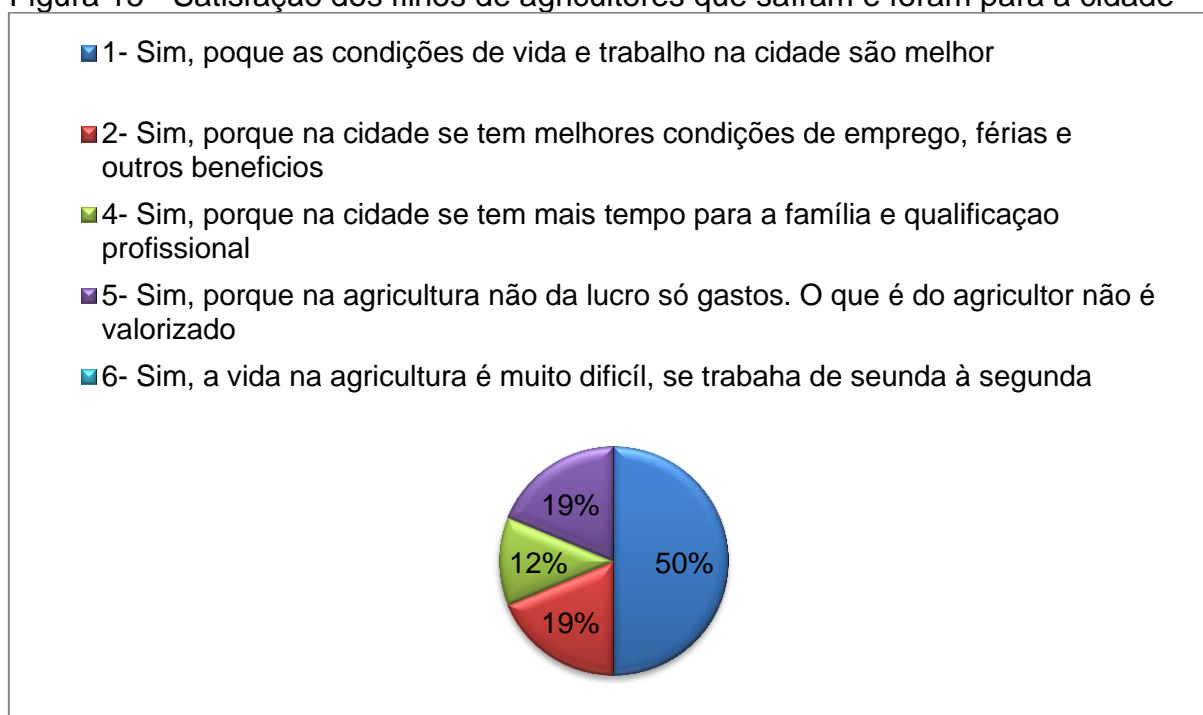
Dos filhos que saíram 8 (50%) responderam a pesquisa, que estão satisfeitos em estarem trabalhando na cidade, pois a vida e trabalhos na cidade são melhores do que se ficassem na agricultura. Os demais responderam também que estão sim satisfeitos, porque trabalhando na cidade se tem direito a férias, encosto em casos de acidentes de trabalho e outros benefícios que na agricultura não se tem. Observando o quadro e gráfico a seguir, podemos verificar esses números.

Quadro 17 – Satisfação dos filhos de agricultores que saíram e foram para a cidade

Os que saíram estão satisfeitos?	
1- Sim, porque as condições de vida e trabalho na cidade são melhores	8
2- Sim, porque na cidade se tem melhores condições de emprego, férias e outros benefícios	3
4- Sim, porque na cidade se tem mais tempo para a família e qualificação profissional	2
5- Sim, porque na agricultura não dá lucro só gastos. O que é do agricultor não é valorizado	3
6- Sim, a vida na agricultura é muito difícil, se trabalha de segunda a segunda	

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 15 - Satisfação dos filhos de agricultores que saíram e foram para a cidade



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.10 DOS FILHOS QUE SAÍRAM PRETENDEM VOLTAR?

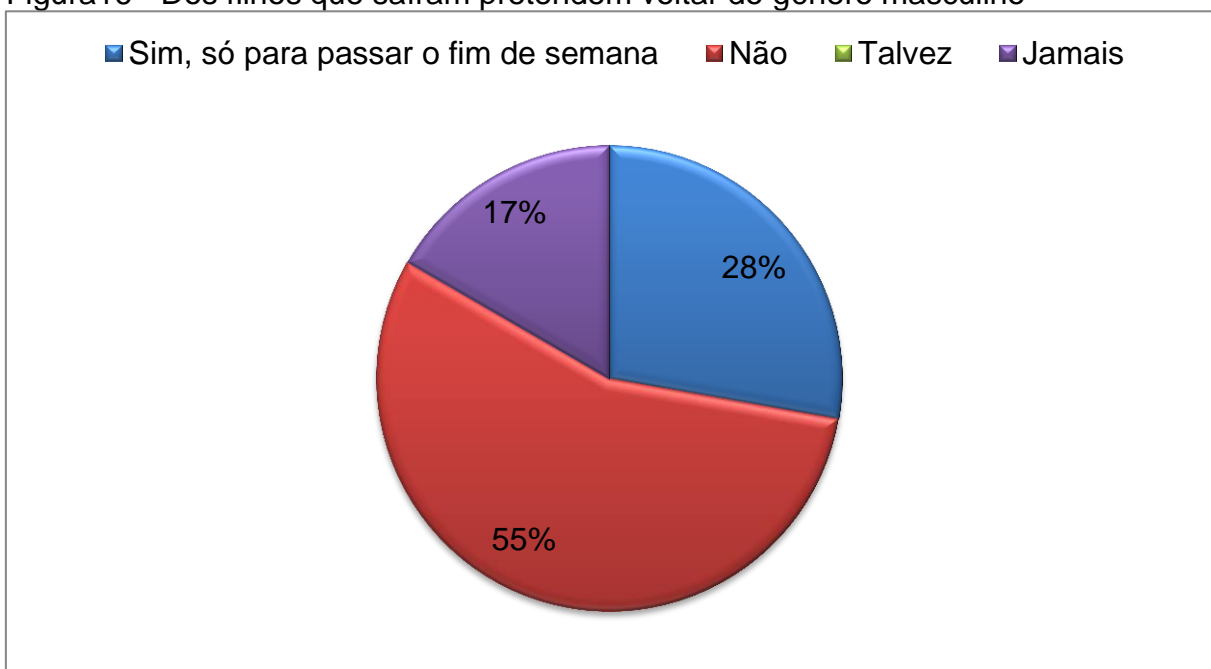
Segundo a pesquisa, os filhos que saíram 10 (55%) de ambos os gêneros responderam que não pretendem mais voltar para a agricultura e 5 (28%) do gênero masculino e 9 (43%) responderam que pretendem voltar, mais não exercendo a função dos pais como agricultores e sim só para passar os fins de semana, como um sítio para lazer. Como mostra o quadro e gráficos a seguir.

Quadro 18 – Dos filhos que saíram pretendem voltar?

Os que saíram pretendem voltar?		
	Homens	Mulheres
Sim, só para passar o fim de semana	5	9
Não	10	10
Talvez		2
Jamais	3	

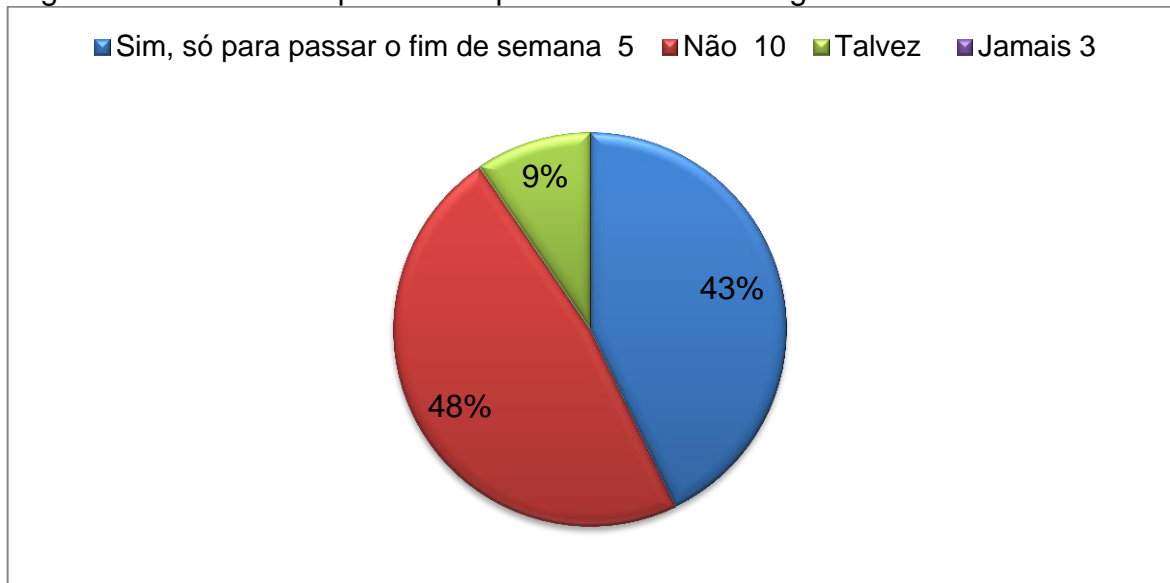
Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura16 - Dos filhos que saíram pretendem voltar do gênero masculino



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

Figura 17 - Dos filhos que saíram pretendem voltar do gênero feminino?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.11 QUEM ESTA MELHOR

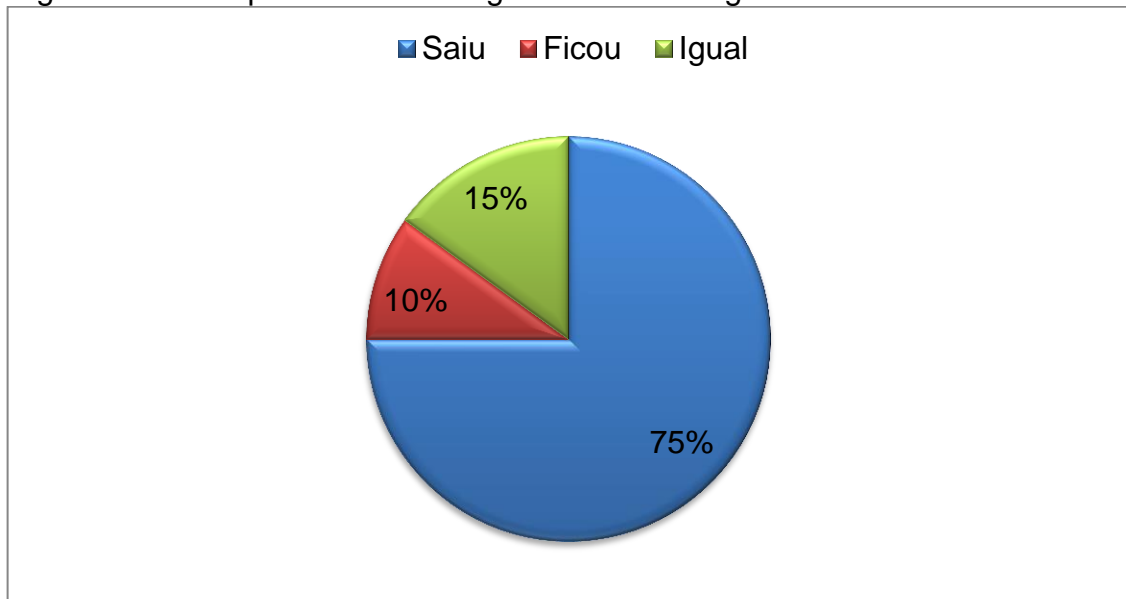
Em comparação com quem saiu da agricultura e quem ficou, a pesquisa revelou que 15 (75%) responderam que quem saiu da agricultura esta melhor e 3 (15%) responderam que os dois lados estão bons. Como mostra o quadro e gráfico a seguir.

Quadro 18 – Comparativo entre migrantes e não migrantes

Comparando com os que saíram, quem está melhor?						
		Saiu	Ficou	Igual		
		15	2	3		

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 19 – Comparativo entre migrantes e não migrantes



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4.12 QUALIDADE DE VIDA

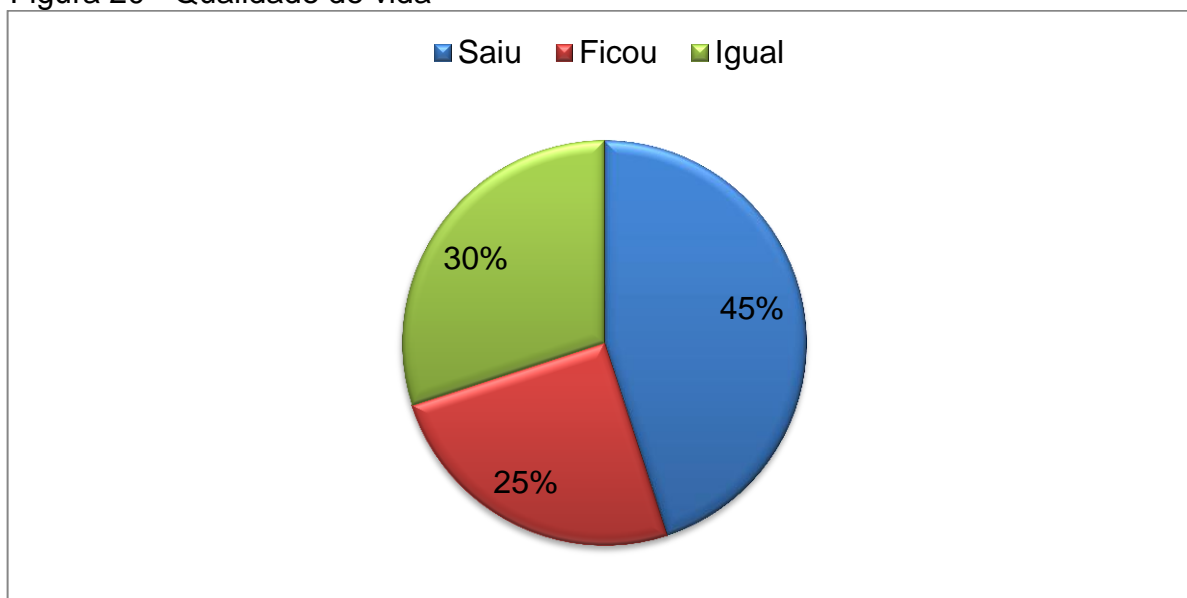
Segundo a pesquisa 9 (45%) responderam que quem sai da agricultura a qualidade de vida esta melhor do que quem ficou e 6 (30%) responderam que a qualidade de vida é igual, tanto na cidade quanto na agricultura. Como pode se observar no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 20 – Qualidade de vida

Qualidade de vida, quem esta melhor?						
		Saiu	Ficou	Igual		
		9	5	6		

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 20 - Qualidade de vida



Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

4.13 ESCOLARIDADE DOS FILHOS DOS AGRICULTORES

Analisando os dados obtidos com a pesquisa, se observa que 11 (44%) e 10 (40%) do gênero masculino que saiu da agricultura, cursaram o ensino fundamental e o médio respectivamente. Sendo que os que ficaram 3 (43%) cursaram o ensino fundamental e o médio, tendo somente um desses que ficaram que curso 1 (14%) ensino técnico.

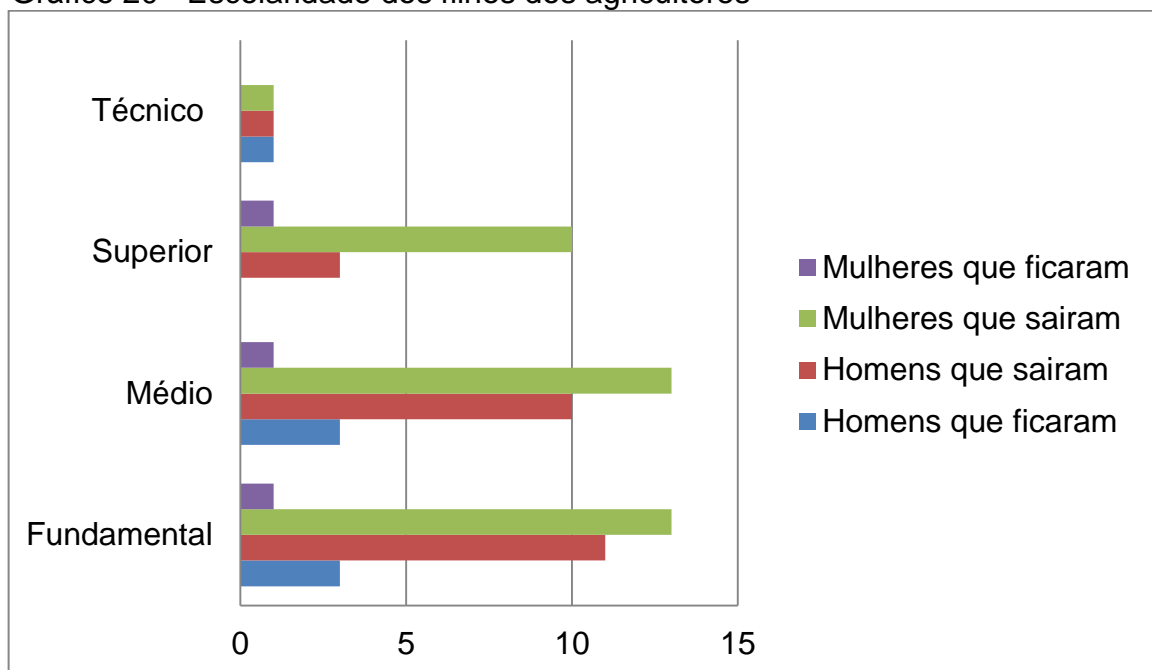
E do gênero feminino que saíram 13 (35%) cursaram o fundamental e o médio e técnico somente 1 (3%) curou. Em relação ao ensino superior 10 (27%) das que saíram fizeram um ensino superior. Averiguando que a que ficou, cursou o fundamental, médio e o superior. Como se pode observar no quadro e gráfico a seguir.

Quadro 21 – Escolaridade dos filhos dos agricultores

Escolaridade dos Filhos				
	Fundamental	Médio	Superior	Técnico
Homens que ficaram	3	3		1
Homens que saíram	11	10	3	1
Mulheres que saíram	13	13	10	1
Mulheres que ficaram	1	1	1	

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Gráfico 20 - Escolaridade dos filhos dos agricultores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

4. 22 PROFISSÃO DOS FILHOS DOS AGRICULTORES

Segundo os dados coletados pela pesquisa, nos mostra que 4 (27%) do gênero feminino, que são profissionais liberais que saíram da agricultura exerce a profissão de administradora e a que ficou também exerce essa mesma função. Seguido pelos serviços gerais, onde somente a que ficou na agricultura é que executa essa função. E no quesito de serviços técnicos se repete a mesma forma dos serviços gerais, ou seja, a única que ficou executa essa função.

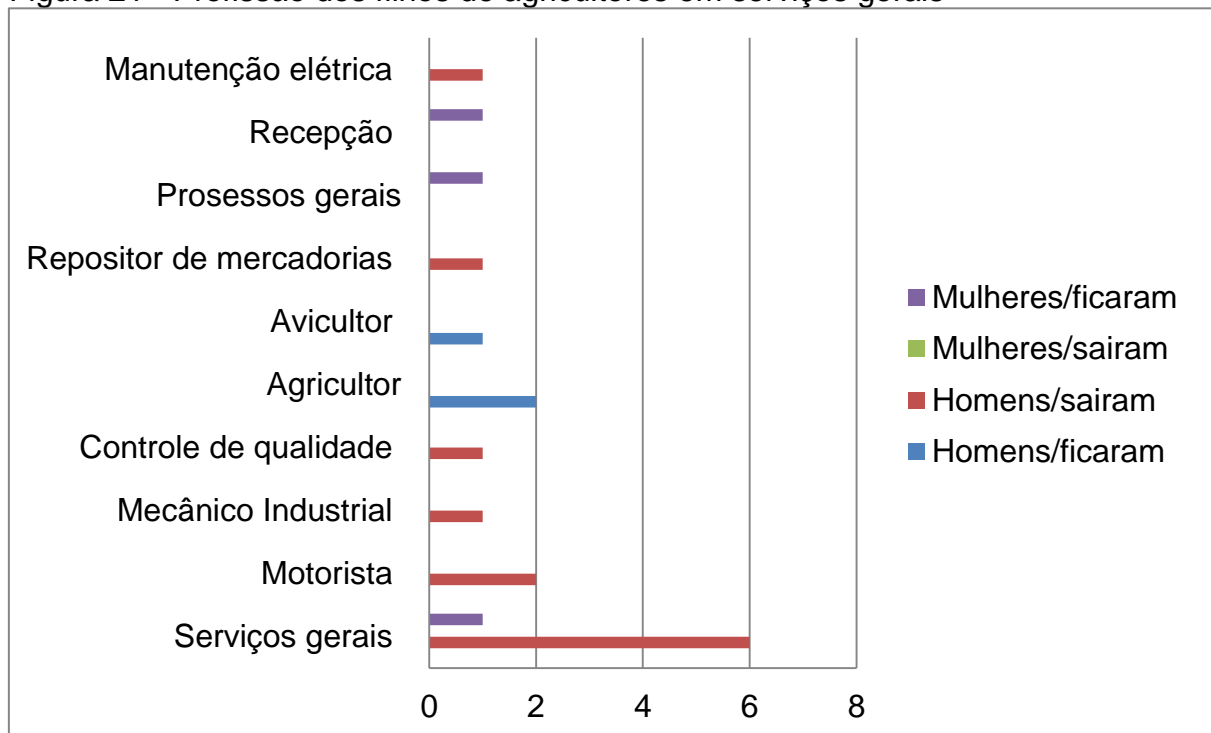
Em relação aos profissionais liberais do gênero masculino somente 1 que ficou na agricultura exerce a função de agrônomo e os outros dois que saíram, trabalham de administrador e agrimensor. E dos profissionais de serviços gerais, sendo 2 agricultores e 1 avicultor e dos que saíram 6 executa serviços gerais e dois são motoristas e os demais são trabalhos aleatórios. No caso dos serviços técnicos dos que saíram, 1 trabalha com informática e o outro de supervisor mecânico. Como se observa nos quadros e gráficos a seguir.

Quadro 22 – Profissão dos filhos de agricultores em serviços gerais

Profissão dos Filhos				
Serviços Gerais				
	Homens que ficaram	Homens que saíram	Mulheres que saíram	Mulheres que ficaram
Serviços gerais		6		1
Motorista		2		
Mecânico Industrial		1		
Controle de qualidade		1		
Agricultor	2			
Avicultor	1			
Repositor de mercadorias		1		
Processos gerais				1
Recepção				1
Manutenção elétrica		1		

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 21 - Profissão dos filhos de agricultores em serviços gerais



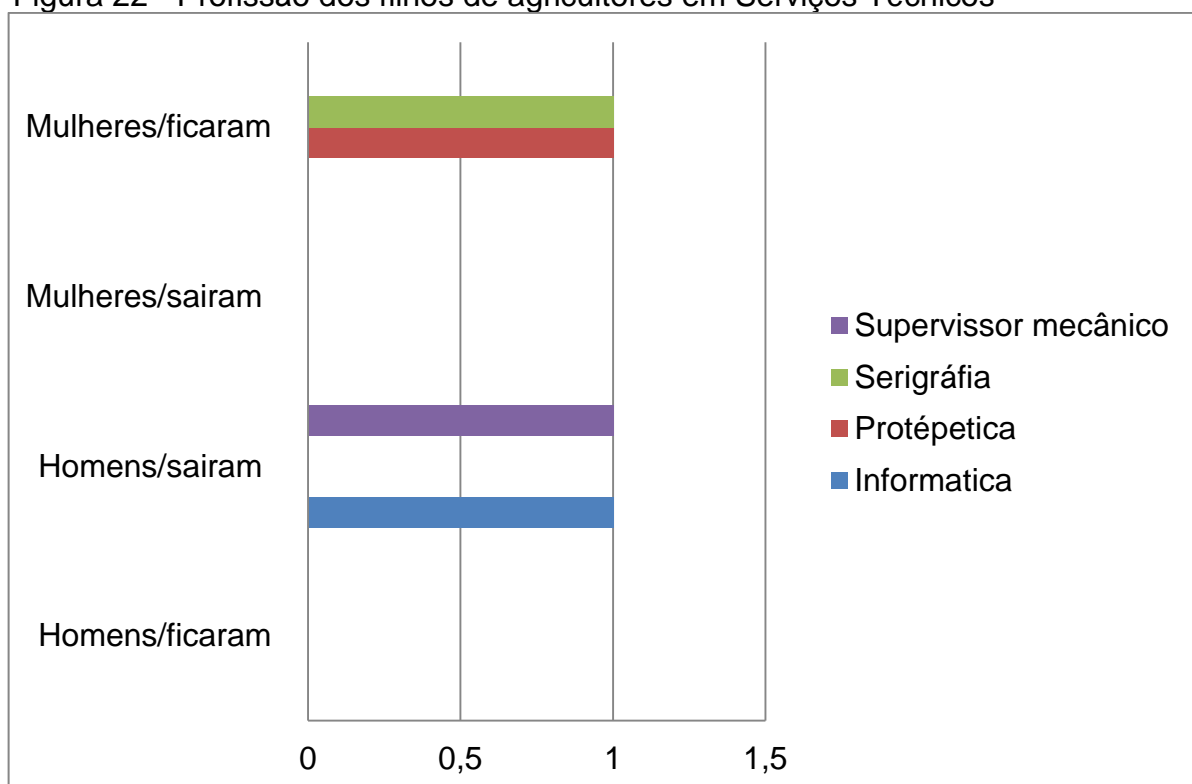
Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Quadro 23 – Profissão dos filhos de agricultores em Serviços Técnicos

Profissão dos Filhos				
Serviços Técnicos				
	Homens que ficaram	Homens que saíram	Mulheres que saíram	Mulheres que ficaram
Informática		1		
Protética				1
Serigrafia				1
Supervisor mecânico		1		

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 22 - Profissão dos filhos de agricultores em Serviços Técnicos



Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

4.23 SALÁRIO DOS FILHOS DOS AGRICULTORES

Com base na pesquisa realizada os filhos dos agricultores do gênero masculino que saíram da agricultura, 13 (59%) ganham em média 3 salários mínimos bruto e 8 (36%), 2 salários mínimos. Dentre os homens que ficaram trabalhando na agricultura 5 (100%), ganham em torno de 2 salários mínimos.

E o gênero feminino que saíram da agricultura 7 (44%) ganham em torno 3 salários mínimos e 6 (37%) ganham 4 salários mínimos. E a que ficou na

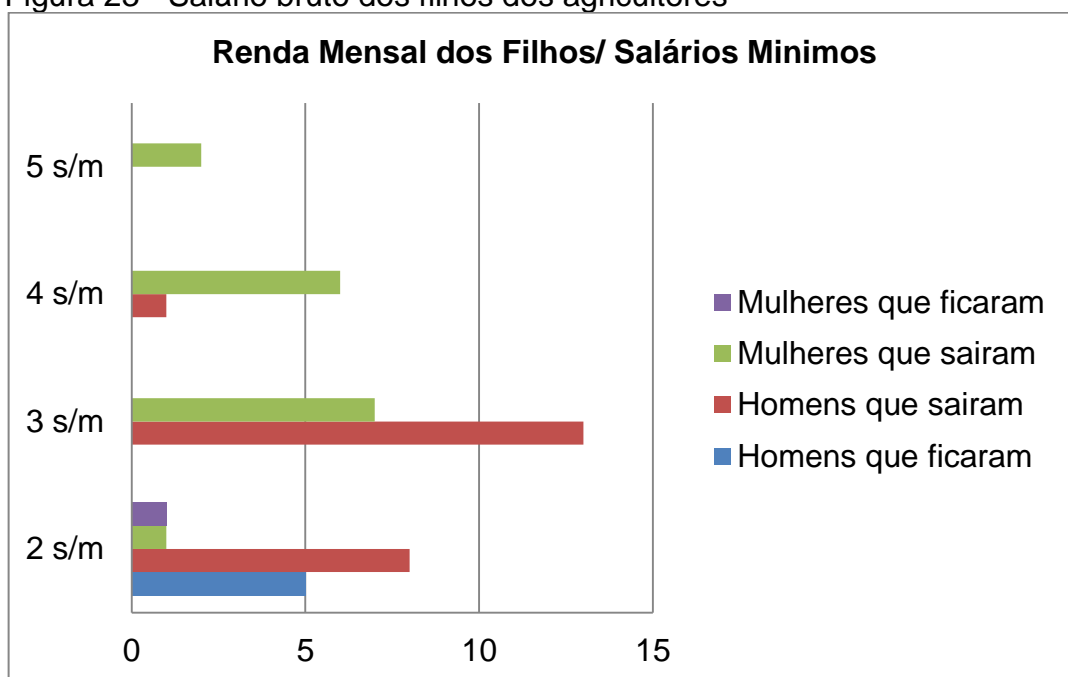
agricultura ganha em torno de 2 salários mínimos. Como podemos observar no quadro e gráficos a seguir.

Quadro 24 – Salário bruto dos filhos dos agricultores

Renda Mensal dos Filhos/ Salários Mínimos				
	2 s/m	3 s/m	4 s/m	5 s/m
Homens que ficaram	5			
Homens que saíram	8	13	1	
Mulheres que saíram	1	7	6	2
Mulheres que ficaram	1			

Fonte: Dados obtidos com a pesquisa (2015).

Figura 23 - Salário bruto dos filhos dos agricultores



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2015).

Conforme a pesquisa efetuada na comunidade do Picadão em Nova Veneza-SC, mostra que nas propriedades rurais estão ficando somente as pessoas mais velhas. Sendo que 70% dos jovens estão saindo para trabalhar na cidade, de acordo com os quadros 9 e 10 obtidos com a pesquisa.

Em relação à escolaridade dos filhos, as mulheres que saíram, estudaram mais, conseqüentemente conseguindo bom emprego com rentabilidade maior, enquanto os homens que saíram, trabalham a maioria em serviços gerais, ganhando uma renda razoável. Como observa-se nas figuras 20, 21, 22 e 23. Isso tudo resume-

se no afastamento dos jovens no campo e aproximação deles nas cidades grandes em busca de vida e trabalhos melhores. Ocasionalmente com isso o baixo nível de jovens no meio rural e a perda das suas origens.

5 CONCLUSÃO

Concluindo este estudo verifica-se que destes agricultores do Brasil passam grandes dificuldades na agricultura, uma delas dificuldades é o clima que esta mudando a cada ano que passa em regiões que eram sempre quentes está tendo períodos de frio e nas regiões frias estão tendo períodos quentes, com o clima invertido as plantações adaptáveis a cada um desses ambientes acabam sendo afetadas, ocasionando a morte da planta.

Por outro lado além das mudanças climáticas que ocasiona perdas nas plantações, tem também os preços pagos aos agricultores pelo produto colhido da propriedade, um preço muito abaixo dos custos que eles tem para plantar, manter essas plantações saudáveis e a colheita final, não conseguindo pagar suas dívidas, muitos agricultores saíram de suas terras e vão para as grandes cidades a procura de um emprego melhor e vida mais digna.

Em Santa Catarina essa realidade não é diferente do resto do Brasil. A agricultura predominante em Santa Catarina é a agricultura familiar, muitos agricultores estão saindo de suas terras, migrando para a zona urbana, ocasionando grandes transtornos urbanos, referentes ao crescimento desenfreado da população, aumento do acúmulo de lixo, congestionamento de carros e entre outros problemas.

A pesquisa realizada em na comunidade do Picadão em Nova Venécia-SC, revelou que nas propriedades estão ficando somente as pessoas mais velhas e os mais novos estão saindo trabalhar na cidade, onde se percebe-se nos gráficos acima, que as mulheres saíram e estudaram mais, conseguindo assim um emprego melhor com boa rentabilidade, enquanto os homens que saíram trabalham a maioria em serviços gerais, ganhando uma renda razoável.

No caso dos que permaneceram na agricultura do gênero masculino, uns ficaram porque gostam de trabalhar com a terra e outro porque não tinham para quem deixar a propriedade dos pais. E a única mulher que ficou na agricultura, trabalha na cidade e tem trabalhadores contratados que plantam e cuidam das propriedades dela.

Com isso se resume que os jovens de hoje em dia não querem mais ficar na agricultura e nem mesmo para passarem os finais de semana. Alguns não querem nem ficar com a propriedade, preferem vender.

Uma das alternativas para amenizar essa falta de valor nos produtos produzidos na propriedade, foi com ajuda da EPAGRE e outros órgãos públicos que buscaram uma alternativa de legalizarem os produtos dos agricultores e vendendo-os diretamente ao consumidor, a criação da COOFANOVE, uma entidade não patrimonial que auxilia os agricultores com seus produtos fabricados na propriedade.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo; MAGALHÃES, Reginaldo. **O acesso dos agricultores familiares aos mercados de biodiesel: parcerias entre grandes empresas e movimentos sociais.** 2007. Disponível em:

<http://www.fea.usp.br/feaecon/media/fck/File/Biodiesel_AIEA2_Portugues.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2015.

ASSAD, Maria Leonor Lopes; ALMEIDA, Jalcione. **AGRICULTURA E SUSTENTABILIDADE: CONTEXTO, DESAFIOS E CENÁRIOS.** 2004. Disponível em:

<http://www.gazetadocampo.com.br/base/www/gazetadocampo.com.br/media/attachments/4/4/524245d9e34dfb337ed8dfba6663530a787eb62b3987f_agricultura-e-sustentabilidade.pdf>. Acesso em: 27 out. 2014.

ASSIS, Renato Linhares de; ROMEIRO, Ademar Ribeiro. **Agroecologia e Agricultura Orgânica: controvérsias e tendências:** Desenvolvimento e Meio Ambiente. 2002. Disponível em:

<[http://www.mstemdados.org/sites/default/files/Agroecologia e agricultura orgânica, controvérsias e tendências - Renato de Assis, Ademar Ribeiro.pdf](http://www.mstemdados.org/sites/default/files/Agroecologia_e_agricultura_org%C3%A1nica,_controv%C3%A9rsias_e_tend%C3%AAncias_-_Renato_de_Assis,_Ademar_Ribeiro.pdf)>. Acesso em: 27 out. 2014.

AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. **AGRICULTURA ORGÂNICA EM ÁREAS URBANAS E PERIURBANAS COM BASE NA AGROECOLOGIA.** 2007. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v10n1/v10n1a09.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 15.

ALVES, Eliseu; MARRA, Renner. **A persistente migração rural-urbana.** 2009. Disponível em:

<<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/657206/1/Apersistentemigracao.pdf>>. Acesso em: 16 abr. 2015.

CNA/CEPEA-USP. **PIB do Agronegócio: de janeiro a dezembro de 2002, 2003.** <http://cepea.esalq.usp.br/> de 12/03/2003. Consulta em 15.07.2004.

CNI (Org.). **Entraves às Exportações Brasileiras.** 2014. Disponível em:

<<http://www.abimci.com.br/wp-content/uploads/2014/02/Entraves-às-Exportações-Brasileiras1.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2014.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica.** 4. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 242 p.

CENSO (Org.). **População urbana e rural.** 2010. Disponível em:

<<http://noticias.uol.com.br/censo-2010/populacao-urbana-e-rural/>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

CANÊDO, Letícia Bicalho. **A revolução industrial.** 23. ed. São Paulo: Atual, 2009. 92 p.

CAMPOS, NAZARENO JOSÉ DE; BRANDT, MARLON; CANSELIER, JANETE WEBLER (ORG.). **O ESPAÇO RURAL DE SANTA CATARINA: NOVOS ESTUDOS**. FLORIANÓPOLIS-SC: UFSC, 2013. 207 p.

CHAGAS, Ana Carolina de Souza. **Controle de Parasitas Utilizando Extratos Vegetais**. 2004. Disponível em: <<http://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/528747/1/AACControledeparasitas.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2015.

BRUMER, Anita. **GÊNERO E AGRICULTURA: A SITUAÇÃO DA MULHER NA AGRICULTURA DO RIO GRANDE DO SUL**. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n1/21699>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

ESTEVAM, Dimas de Oliveira et al. **COOPERATIVAS RURAIS NÃO-PATRIMONIAIS (OU VIRTUAIS) E O DIFÍCIL CAMINHO DA FORMALIDADE: O CASO DOS AGRICULTORES FAMILIARES DA REGIÃO SUL DO ESTADO DE SANTA CATARINA**. 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/CLARICE/Desktop/Agricultura familiar de Nova Veneza.pdf](file:///C:/Users/CLARICE/Desktop/Agricultura%20familiar%20de%20Nova%20Veneza.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2014.

ÊXODO RURAL CONTINUA SENDO UMA REALIDADE: DADOS DO IBGE MOSTRAM QUE A POPULAÇÃO SEGUE DEIXANDO O CAMPO E indo PARA A CIDADE, CAUSANDO PROBLEMAS. GOIAIS-MG, 25 SET. 2012. DISPONÍVEL EM: <<HTTP://WWW.OHOJE.COM.BR/NOTICIA/5365/EXODO-RURAL-CONTINUA-SENDO-UMA-REALIDADE>>. ACESSO EM: 28 AGO. 2014.

FERRARI, Dilvan Luiz. **AGRICULTURA FAMILIAR, TRABALHO E DESENVOLVIMENTO NO OESTE DE SANTA CATARINA**. 2003. 200 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Agrícola e Agrária, Universidade Estadual de Campinas Instituto de Economia, Campinas-sp, 2003. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000308780&fd=y>>. Acesso em: 28 out. 2014.

FURLAN, Élide Ceconi. **PERSPECTIVAS DOS/AS FILHOS/AS DE AGRICULTORES EM RELAÇÃO AO SEU FUTURO PROFISSIONAL: ESTUDO DE CASO DE COMUNIDADE S RURAIS DE NOVA VENEZA - SC**. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unesc.net/index.php/seminariocsa/article/viewFile/1546/1466>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

FONSECA, Maria Fernanda de Albuquerque Costa. **Agricultura Orgânica: Regulamentos técnicos e acesso aos mercados dos produtos orgânicos no Brasil**. 2009. Disponível em: <http://www.ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Agricultura_Organica.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2015.

FRANCO, Luciana. **Mudanças climáticas podem mudar geografia agrícola do Brasil**. 2013. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Revista/Common/0,,EMI342350-18078,00-MUDANCAS+CLIMATICAS+PODEM+MUDAR+GEOGRAFIA+AGRICOLA+DO+BRASIL.html>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

GLOBO RURAL (São Paulo). **Agricultores familiares diversificam a produção para garantir lucro no PR**. 2014. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/globo-rural/t/especial-de-domingo/v/agricultores-familiares-diversificam-a-producao-para-garantir-lucro-no-pr/3673371/>>. Acesso em: 09 jun. 2015.

MAZOYER, Marcel e ROUDART, Laurence. *Histoire des agricultures du monde*, Paris, Seuil, 1997; DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço*. Rio de Janeiro, Record, 2003; OLSON, Steve. **A história da humanidade**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 2003.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Marina. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas; Amostras e Técnicas de Pesquisa e Elaboração, Análise e Interpretação de Dados**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006. 289 p.

MELLO, Márcio Antonio de et al. **Sucessão hereditária e reprodução social da agricultura familiar**. 2003. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/publicacoes/pdf/asp-1-03-2.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2014.

SANTOS, Rodrigo dos; VOLUPCA, Thalitta Corrêa. **EDUCAÇÃO RURAL E MIGRAÇÃO: A TENTATIVA DO DIÁLOGO**. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/luminaria/article/viewFile/336/280>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **O MUNDO RURAL NO HORIZONTE DOS JOVENS: o caso dos filhos (as) de agricultores familiares de Ouro/SC**. 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82617/184359.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

VERGARA Sylvania Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

KONZEN, Egídio Arno et al. **Produção de milho orgânico na agricultura familiar**. 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/CLARICE/Desktop/TCC1/{599BEB86-EE28-4BA6-8EF8-EBA189A0FE9D}_Circ_81.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2015.